



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

O sonhar no período pandêmico: um olhar psicanalítico

Daniel Diehl Arrivabene

Brasília, 15 de fevereiro de 2025



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

O sonhar no período pandêmico: um olhar psicanalítico

Daniel Diehl Arrivabene

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura, sob orientação da professora Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues

Brasília, 15 de fevereiro de 2025

Esta dissertação, requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, foi apreciada pela banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues

Universidade de Brasília (UnB)

Presidente

Prof. Dr. Afonso Celso Tanus Galvão

Membro externo

Profa. Dra. Márcia Cristina Maesso

Universidade de Brasília (UnB)

Membro interno

Profa. Dra. Daniela Scheinkman

Universidade de Brasília (UnB)

Membro suplente

BRASÍLIA

2025

À minha filha amada, Beatriz! Que possa crescer em conhecimento, com dedicação e humildade. E que seus pensamentos germinem em amor, não apenas para si, mas para tantos quantos precisarem de uma palavra de amparo.

Agradecimentos

Primeiramente aos meus pais, por seus ensinamentos, carinho e suporte.

Aos meus avós, tão importantes em minha vida. Em especial à minha amada avó Maria Helena (*in memoriam*), que sempre foi fonte de muita alegria e acolhimento em minha vida.

A todos os amigos e familiares que me incentivaram durante a escrita dessa dissertação, em especial ao amigo Fabiano Severo e à minha irmã Julia Arrivabene, que estiveram mais próximos nesse momento.

A todos os professores do curso de mestrado e, em especial, à minha orientadora Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues, por todo o conhecimento compartilhado e as sugestões de melhoria e refinamento deste trabalho.

E por fim, mas não menos importantes, agradeço imensamente à minha esposa Liliane e à minha filha Beatriz, por todo suporte, amor e incentivo durante esse período.

“O sonho é uma arte poética involuntária.”

Immanuel Kant

Resumo

A presente pesquisa qualitativa de caráter exploratório investigou sonhos ocorridos durante o período da Pandemia de Covid-19. O estudo buscou analisar relatos de sonhos disponibilizado publicamente em uma plataforma, a partir de um viés psicanalítico. O objetivo deste estudo foi investigar temas dominantes nos sonhos de brasileiros durante o período da pandemia de Covid-19, de modo a explorar os principais temas presentes nos sonhos, identificar semelhanças, diferenças e complementariedades entre os sonhadores. E identificar os elementos que constituem as narrativas dos sonhos. Os relatos foram selecionados a partir de uma leitura flutuante do material do Inventário de Sonhos (disponibilizado no site Museu da Pessoa), um banco de dados criado por pesquisadores brasileiros para coleta e armazenamento de relatos de sonhos durante a pandemia. Os relatos selecionados foram divididos em quatro categorias temáticas: desamparo; insegurança; preocupação com outros; medo de contaminação. A análise se apoiou na Análise de Narrativa, que busca o sentido dos sonhadores no processo do sonho sonhado para o sonho contado. Os resultados sugerem que parte dos sonhadores vivenciaram a Pandemia de maneira ameaçadora e com sentimentos de desamparo tornando a experiência com contornos traumáticos.

Palavras-chaves: psicanálise; sonhos; pandemia; social; trauma; traumático.

Abstract

This qualitative exploratory research investigated dreams that occurred during the COVID-19 pandemic. The study sought to analyze reports of dreams made publicly available on a platform, from a psychoanalytic perspective. The objective of this study was to investigate dominant themes in the dreams of Brazilians during the COVID-19 pandemic, in order to explore the main themes present in dreams, identify similarities, differences and complementarities among dreamers, and identify the elements that constitute dream narratives. The reports were selected from a cursory reading of the material from the Inventário de Sonhos (available on the Museu da Pessoa website), a database created by Brazilian researchers to collect and store dream reports during the pandemic. The selected reports were divided into four thematic categories: helplessness; insecurity; concern for others; fear of contamination. The analysis was based on Narrative Analysis, which seeks the meaning of dreamers in the process from the dream dreamed to the dream told. The results suggest that some of the dreamers experienced the Pandemic in a threatening way and with feelings of helplessness, making the experience with traumatic contours.

Keywords: psychoanalysis; dreams; pandemic; social; trauma; traumatic.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Os sonhos a partir da Psicanálise, com breve histórico:	15
1.1 - Breve histórico sobre os sonhos, anterior à Psicanálise.....	15
1.2 - O viés psicanalítico sobre os sonhos.....	17
1.3 - O Traumático e os Sonhos na Pandemia.....	30
Capítulo 2 – Metodologia.....	35
2.1 – Procedimentos.....	39
2.2 - Estratégia de análise de dados.....	41
Capítulo 3 – Resultados e Discussão.....	45
3.1 – Categoria I – Desamparo.....	45
3.2 – Categoria II – Insegurança.....	54
3.3 – Categoria III – Preocupação com outros/empatia.....	64
3.4 – Categoria IV – Medo de contaminação.....	74
Considerações Finais.....	83
Referências.....	87

Introdução

Não entendo de sonhos.
Mas este me parece um profundo desejo de mudança de vida.
Não precisa ser feliz sequer.
Basta ano novo.
E é tão difícil mudar.
Às vezes escorre sangue.
(Clarice Lispector)

A pandemia do coronavírus que se abateu sobre a população mundial em 2019 afetou significativamente as pessoas em diversos países. Perceberam-se os impactos sobre a vida cotidiana a partir de variados âmbitos como, por exemplo, a saúde, a liberdade de ir e vir, as finanças pessoais, a vida em família e assim por diante. E no que tange à saúde mental, a presença da Covid-19 tem se mostrado associada a questões de estresse psicológico, tanto em abrangência nacional quanto internacional (Mariani et al, 2021).

A presença do vírus mortal fez com que as pessoas se tornassem apreensivas quanto à possibilidade de morrer em decorrência de uma doença ainda pouco conhecida. E também acentuou as preocupações quanto ao adoecimento de entes queridos. A pandemia causou uma inquietação generalizada sobre as pessoas. E os governos passaram a adotar medidas para conter o contágio. Todavia, tais ações governamentais também estão associadas a efeitos psicológicos negativos como alguns sintomas de estresse pós-traumático, agressividade e confusão mental, entre outros (Brooks et al, 2020).

Dentre os impactos sobre a saúde mental em decorrência da pandemia, observou-se em estudos, um aumento da quantidade de sonhos, emoções negativas e sonhos de teor

desagradável. Uma explicação para a crescente dos sonhos fundamenta-se na hipótese de que há uma influência dos pensamentos e preocupações cotidianas sobre a produção do conteúdo onírico (Barrett, 2020).

As alterações sobre os sonhos estimularam o interesse de pesquisadores em diversos países a estudar o conteúdo sonal enquanto reflexo da pandemia sobre a saúde mental (Gorgoni et al, 2021). Isso fez com que estudiosos do assunto recorressem à criação de espaço de coleta de sonhos em sites.

No Brasil uma dessas iniciativas foi a criação do Inventário de Sonhos. Um site idealizado por pesquisadores brasileiros para coletar relatos de sonhos em seu estado mais original, sem ajustes, apenas a omissão do nome dos sonhadores. Este banco de dados reúne mais de mil relatos de sonhos. A forma como foi idealizado e composto será aprofundada posteriormente neste trabalho, no Capítulo concernente ao método utilizado. Essa iniciativa brasileira foi conduzida por psicólogos e psicanalistas. E fundamentou-se na teoria freudiana, a qual considera o sonho como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente (Baldo, 2024).

É importante considerar o contexto brasileiro de maneira específica e não como uma extensão de pesquisas internacionais. Ainda que existem semelhanças, a conjuntura nacional carrega em seu bojo uma população heterogênea de diferentes classes sociais e econômicas. E tal mistura de realidades distintas em um mesmo território gera uma série de atitudes dissonantes frente às medidas governamentais de contenção do vírus (Reis et al, 2020).

Não é viável, por exemplo, a pessoas que dependem exclusivamente do seu trabalho diário para sua sobrevivência, permanecer em casa impedidas de trabalhar. Ao passo que para pessoas mais abastadas, cuja renda não advém exclusivamente do trabalho

e/ou que podem trabalhar remotamente, isolar-se em casa é algo possível (Costa et al, 2021).

Consideradas, portanto, essas distinções sobre a assimilação da pandemia pelos brasileiros, não é possível negar o fato de que muitos sofreram psicologicamente e emocionalmente durante a assolação do COVID-19. As condições precárias em que vive grande parte da população faz com que a possibilidade de contaminação seja ainda maior.

Muitos tiveram que se sujeitar a condições de risco como transporte público lotado, hospitais repletos de pessoas, trabalhos presenciais em sua maioria e assim por diante. Assim sendo, inclusive o sofrimento psíquico pode ser agravado. É diferente, por exemplo, do que comparar essa realidade a outras de países em que o governo conseguia manter o salário dos seus cidadãos a fim de propiciar um isolamento efetivo (Correia et al, 2020).

No Brasil, apesar de todos os esforços em diferentes esferas do poder público e privado, o auxílio recebido pela população carente não era o suficiente para consolidar a política de isolamento (Correia et al, 2020). É importante considerar que a Covid-19 é uma enfermidade que pode se apresentar tanto de maneira assintomática quanto com sintomas que variam de leves a graves. E em determinadas situações podem levar a óbito. A doença se alastrou pelo mundo todo, inclusive atingindo o Brasil, onde mais de 700 mil pessoas perderam suas vidas (silva et al. 2024). Diante de tamanha consequência, várias pessoas perderam entes queridos e tiveram suas vidas alteradas de alguma forma. Nesse sentido, emerge a questão, como os brasileiros enfrentaram psiquicamente a pandemia?

Uma forma de responder a essa pergunta é analisar as manifestações inconscientes presentes nos sintomas, “como sintomas somáticos, insônia, ansiedade, raiva, ruminação, diminuição da concentração, mau humor e perda de energia” (Faro et al, 2020, p.8), mas

também os conteúdos presentes nos sonhos no período pandêmico. E para tanto, analisar os sonhos no período da pandemia é uma excelente via de acesso a esses conteúdos inconscientes, alguns psicanalistas no Brasil, chamaram atenção para a particularidade dos conteúdos dos sonhos nesse período (Coutinho, 2020; Lemos & Kallas 2020; Imbrizi & Domingues 2021). Nesse sentido, a Psicanálise serve como teoria basilar para este trabalho, tendo em vista que a Psicanálise ganha delineamentos complexos a partir da análise dos sonhos. Nesse percurso Freud (1900/2019) destaca o processo primário na realização do desejo inconsciente, considerando os sonhos como a via régia de acesso ao inconsciente (Freud, 1900/2019).

Os sonhos também foram objeto de estudos de psicanalistas pós-freudianos (Bion, 1970; Lacan, 1973; Kaës, 2003), os quais, cada um à sua maneira, trouxeram contribuições e avanços para a interpretação de sonhos. Autores cujas ideias contribuíram para o enriquecimento e melhor compreensão dos sonhos neste trabalho.

Investigar o que sonharam os brasileiros durante o período de pandemia do COVID-19 pode corroborar com o entendimento das formas de assimilação de dores, angústias e sofrimento, diante de situações sociais extremas. A partir desses conteúdos soniais é possível perceber as transformações mentais, as formas de defesa, os sentimentos e as consequências mentais vivenciadas pela população (Pereira, 2020).

Mesmo face ao desamparo experimentado na realidade, os sonhos são pujantes o suficiente para transverter em angústia os afetos que geram estagnação e, por sua vez, em experiências subjetivas assimiláveis (Pereira, 2020). E assim o sujeito pode prosseguir. Sendo que investigar o sonhar em contextos como esse corrobora com a prática clínica psicanalítica, tendo em vista o auxílio de sujeitos em situação de sofrimento em condições sociais semelhantes.

Diante do exposto, o presente trabalho teve por objetivo geral investigar temas dominantes nos sonhos de brasileiros durante o período da pandemia de COVID-19. E por objetivos específicos: explorar as principais categorias de sonhos a partir de suas semelhanças, diferenças e complementariedades. E também identificar elementos recorrentes presentes no material onírico durante o período pandêmico.

Para discorrer sobre a temática proposta, a presente dissertação foi construída em quatro capítulos. O primeiro faz uma revisão da literatura sobre os sonhos a partir da Psicanálise. Sendo que o intuito foi revisitar a teoria psicanalítica no que tange à análise de conteúdos oníricos e trazer ao leitor as perspectivas de diversos autores sobre o assunto, bem como elucidar sobre as características do traumático sob o viés psicanalítico e suas influências sobre os sonhos. O Segundo capítulo explicita a natureza da pesquisa, a metodologia adotada e as técnicas empregadas na análise dos conteúdos gerados a partir dos relatos de sonhos. O terceiro capítulo consiste na análise de sonhos ocorridos durante a pandemia de COVID-19. Nesse sentido, foram coletados de maneira aleatória vinte sonhos da base de dados Inventário dos Sonhos, mencionada anteriormente, e que reúne mais de mil sonhos de brasileiros durante a pandemia.

Antes da realização da análise, os sonhos foram primeiramente separados em categorias a partir de suas semelhanças, diferenças e complementariedades, em consonância com os objetivos específicos deste trabalho. Essa separação resultou em dezessete categorias iniciais. Em um segundo momento essas categorias foram refinadas e novamente aglutinadas obedecendo aos mesmos critérios, o que resultou em quatro categorias finais, a saber: Desamparo; Insegurança; Preocupação com outros; Medo de Contaminação.

E por fim, o quarto capítulo refere-se às conclusões do presente estudo e explicita a identificação de dois elementos presentes na maioria dos sonhos, a saber: medo e casa.

Capítulo 1 – Os sonhos a partir da Psicanálise, com breve histórico:

1.1 - Breve histórico sobre os sonhos, anterior à Psicanálise

Os sonhos são parte da vida humana desde os primórdios e despertam a curiosidade de muitas pessoas, haja visto a vasta quantidade de materiais já produzidos em distintas culturas sobre o tema. Sonhar causa um misto de fascínio, mistério e curiosidade à humanidade. Em diversas culturas é possível verificar alusões aos sonhos e respectivas tentativas de interpretação (Meneses, 2000).

Vale lembrar que os homens viveram por milhares de anos sujeitos às adversidades como falta de alimentos, violência, frio, calor excessivo e outras mais. Assim, na ausência de quaisquer seguranças perenes, os sonhos adquiriram um caráter premonitório para muitas sociedades ao longo da história, como uma tentativa de tentar amenizar a sensação de estar sujeito à própria sorte (Ribeiro, 2019).

É possível verificar a importância de sonhos em civilizações antigas como as de povos do mediterrâneo, mesopotâmicos, ameríndios, orientais e assim por diante. Alguns achados por arqueólogos, historiadores e antropólogos fazem alusão à temática dos sonhos e sua relevância em diversas culturas (Ribeiro, 2019).

Para os gregos, por exemplo, a alusão ao conhecimento dos sonhos pode ser encontrada no Mito de Prometeu. Conforme a lenda, ele foi um titã – deidades filhos de Urano e Gaia – que criou os homens, concedeu-lhes a capacidade de pensar, deu-lhes o fogo para que dominassem sobre as demais criaturas da Terra e ainda lhes entregou a adivinhação e o conhecimento dos sonhos (Azambuja, 2013). Na famosa obra de Homero, *Odisseia*, é possível ver como os sonhos continham um papel divinatório para os gregos e não uma mera casualidade:

Os sonhos são deveras embaraçosos, de sentido ambíguo, e nem todos se cumprem no mundo. Os leves sonhos têm duas portas, uma feita de chifre e outra de marfim; dos sonhos, uns passam pela de marfim serrado: esses enganam, trazendo promessas que não se cumprem; outros saem pela porta de chifre polido e, quando alguém os tem, convertem-se em realidade. (Homero, *Odisséia*, XIX, 560-569)

Diante de desafios cotidianos, não era incomum que os homens recorressem aos oráculos, profetas ou adivinhadores que lhes pudessem guiar a fim de superar as dificuldades.

Dada a importância dos sonhos ao longo da história humana, foram utilizadas diferentes formas de interpretação dos mesmos, como por exemplo a mitologia grega (Freud, 1900/2019), códigos chamados de chaves dos sonhos (Birman, 2020), diversas interpretações de cunho religioso ou místico, dentre outras.

Diante desses métodos de interpretação de sonhos, é interessante trazer ao debate alguns apontamentos de Mannoni (1992), o qual compara alguns dos métodos anteriores ao mito de Procusto. Tal figura mítica era um salteador que fingia ser receptivo e hospitaleiro para com viajantes que se perdiam na floresta. Ele os seduzia a se hospedarem em sua casa para que fugissem dos perigos externos, mas mostrava-se afinal como o próprio algoz dos viajantes.

Procusto os colocava em uma cama de ferro e os amarrava a fim de medir o comprimento do viajante comparando-o ao da cama. E, dessa maneira, caso o forasteiro fosse maior que a cama, o suposto anfitrião cortava o que sobejava. E, caso fosse menor, alongava seu corpo a força (Mannoni, 1992).

O mito tem um tom aterrorizador, contudo este não é precisamente o foco em questão. Mannoni (1992) chama atenção na verdade para os métodos que têm por finalidade conformar o que está sendo analisado a uma medida, que validam uma questão a partir de um conjunto de códigos que servem como um referencial, aos quais o objeto da análise deve ser submetido, comparado e validado ou não. O que é distinto da psicanálise, pois esta requer que o analista considere o sujeito em análise, o que o sonho em questão representa para aquela pessoa, articulado à sua história de vida e suas problemáticas e fantasias inconscientes e não a partir de uma série de códigos pré-estabelecidos (Freud, 1900/2019; Bion, 1970; Mannoni, 1992). Nesse sentido, será apresentada a seguir a perspectiva psicanalítica sobre os sonhos, bem como sua forma de interpretação.

1.2 – O viés psicanalítico sobre os sonhos

No início do século XX, foi proposta uma forma em certa medida inovadora de interpretação dos conteúdos oníricos. O então médico Sigmund Freud lançou sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900. A partir dessa teoria a interpretação dos sonhos se distinguiu de modelos interpretativos que buscavam apresentar formas universais que pudessem decifrar quaisquer representações oníricas, o método criado por Freud é analítico e leva em consideração o sujeito que sonha (Ribeiro & Toledo, 2020).

Não se trata, portanto, de afirmar que, se o sujeito sonhou com uma cobra ele está em perigo por cobras representarem risco para o ser humano, tendo em vista sua natureza peçonhenta. É necessário em um caso como este, a partir das premissas da psicanálise, analisar junto ao paciente, quais as representações suscitadas pela figura de uma cobra. Tal sugestão reside no conceito fundamental da associação livre, conforme estabelecido

por Freud a partir de suas descobertas clínicas, a associação livre é o fio condutor do processo. A técnica requer que o analisando fale livremente sobre o que vier à mente, sem formatações de conteúdo ou tentativas de evitar o julgamento do ouvinte tal como ocorre geralmente em conversas cotidianas.

Freud (1900/2019) destaca que a teoria do sonho mais conhecida é de que o sonho possui um sentido e que pode ser encontrado por meio da interpretação, o qual revela os pensamentos oníricos que são como os pensamentos da vigília, mas que se tornaram inconscientes pela ação da censura. O autor afirma que o trabalho do sonho transforma o conteúdo manifesto, em um cenário predominantemente visual marcado pelo deslocamento e pela condensação. Assim, a interpretação vai no sentido inverso, na busca de a partir do conteúdo manifesto encontrar o conteúdo latente (Freud, 1900/2019).

Por meio da associação livre, o analisando é convidado a falar livremente, a pensar em voz alta, sem edição ou censura, a fim de contribuir para que mais conteúdos inconscientes escapem. Freud (1913, p.136) aborda a associação livre da seguinte forma:

Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como muda a paisagem em sua vista. Por último, nunca se esqueça que prometeu sinceridade absoluta, e nunca omita algo alegando que, por algum motivo, você ache desagradável comunicá-lo.

Cabe destacar, contudo, que não é intuitivo ao analisando seguir as diretrizes propostas por Freud. Geralmente se pensa antes de falar, evita-se dizer alguns pensamentos a depender do interlocutor. Mas espera-se que ao longo da análise, e com o estabelecimento da transferência, à medida que o analisando pratique a associação livre, a prática se torne mais fluida. Conforme explicita Mannoni (1992), associar livremente

não significa escolher livremente o que pensar, mas sugere não rejeitar os pensamentos que se impõem à mente, por mais absurdos que possam parecer, a fim de libertar-se da censura e propiciar o desenvolvimento da análise.

Freud publicou alguns dos seus próprios sonhos, bem como suas respectivas análises. O Sonho da Injeção de Irma, por exemplo, consta na Interpretação dos Sonhos e pode ser tomado como um dos sonhos de Freud que serviu de exemplo prático de como se analisar um sonho, conforme sua teoria.

A seguir, serão trazidos alguns recortes do sonho e/ou da análise realizada por Freud e serão acrescentados comentários a este respeito. Não se intenta neste momento, contudo, realizar uma leitura pormenorizada nem mesmo esgotar (como se fosse possível) a análise deste sonho e as interpretações realizadas pelo autor. O intenção é, portanto, apresentar ao leitor deste trabalho, um exemplo de interpretação de um sonho conforme o próprio Freud se propôs e, desta forma, elucidar tal técnica, assim como distingui-la do que se fazia anteriormente ao surgimento da Psicanálise.

O sonho da injeção de Irma: Um grande salão – numerosos convidados, que estávamos a receber. – Entre eles, estava Irma. Imediatamente levei-a para um lado, como se para responder a sua carta e repreendê-la por não haver aceitado ainda a minha ‘solução’. Disse-lhe o seguinte: ‘Se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua.’ Respondeu: ‘Se o senhor pudesse imaginar que dores tenho agora na garganta, no estômago e no abdome... – estão me sufocando...’ Fiquei alarmado e olhei para ela. Estava pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, deixara de localizar algum mal orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, tendo dado mostras de resistência, como as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, abriu a boca como devia e no lado

direito descobri uma grande placa branca; em outro lugar, localizei extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas que, evidentemente, estavam modeladas nos cornetos do nariz. – Imediatamente chamei o Dr. M e ele repetiu o exame e confirmou-o.... O Dr. M tinha uma aparência muito diferente da comum; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold auscultava-a através do corpete e dizia: ‘Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.’ Também indicou que uma porção da pele no ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, da mesma forma que ele, apesar do vestido.) ... M. disse: ‘Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá a disenteria e a toxina será eliminada. ’... Estávamos diretamente cômicos, também, da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto aplicara-lhe uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico...trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado em grossos caracteres) ... Injeções dessa natureza não devem ser feitas tão impensadamente... E provavelmente a seringa não devia estar limpa (Freud, 1900/1972, p. 115).

No trecho do sonho acima, Freud relata que estaria em um grande salão recebendo diversos convidados, quando encontra Irma, uma de suas pacientes, e lhe diz “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” (Freud, 1900/2019). Ocorrem a partir daí alguns episódios como Freud examinando a boca de Irma, chamando outros médicos para examiná-la e contribuir para o diagnóstico e assim por diante. O recorte é que o autor compreende que a fala destacada anteriormente se refere a uma culpa que ele se auto atribuíra sobre Irma não melhorar. E revela sua preocupação como médico, de

que seus pacientes melhorassem. Demonstra ainda seu desejo em livrar-se da culpa no caso de ela não melhorar.

Outro ponto de destaque traz as seguintes falas do autor:

Esse grupo de ideias que haviam desempenhado um papel no sonho permitiu-me, retrospectivamente, traduzir em palavras aquela impressão passageira. Era como se ele me houvesse dito: “Você não leva seus deveres médicos com a devida seriedade. Você não é consciencioso; não cumpre o que se comprometeu a fazer.” A partir daí, foi como se esse grupo de ideias se tivesse colocado a minha disposição, para que eu pudesse apresentar provas de como eu era extremamente consciencioso, da profundidade com que me interessava pela saúde de meus parentes, amigos e pacientes (Freud, 1900/2019).

O trecho destacado refere-se a um agrupamento de ideias de significados semelhantes, o qual o autor categorizou como “conscienciosidade profissional” (Freud, 1900/2019). Referia-se a uma acusação sofrida por Freud de que não levava a sério seu papel como médico, de que não seria meticuloso ou cuidadoso ao tratar seus pacientes. Tal insinuação gerara angústia em Freud, o que lhe despertou o desejo de se defender e afirmar peremptoriamente que era consciencioso e que se importava com a saúde de seus pacientes.

Ao final da análise do sonho, Freud apresenta a seguinte afirmação: “Após completar o trabalho de interpretação, percebemos que o sonho é a realização de um desejo” (Freud, 1900/2019, p.145). Esta é, portanto, uma das primeiras afirmações acerca da função dos sonhos. A análise realizada por Freud sobre o sonho intitulado de A Injeção de Irma, conforme outros analisados por ele, destacou que os sonhos são a realização de desejos inconscientes.

Enquanto desejos de Freud, aparecem o de vingar-se de outros médicos que o aborreceram com reprimendas e também o de vingar-se da paciente desobediente. É interessante o termo que Freud utiliza, “vingança”. Esse não é em sua essência um sentimento nobre, ainda mais se dirigido a pares profissionais ou a uma paciente. É o tipo de sentimento que tende a ser escondido ou, antes disso, a ser recalcado pela psique e, como nesse caso, encontram uma destinação apenas como conteúdo onírico, ao invés de se apresentar no estado de vigília.

Os sonhos, segundo Freud, são a via régia de acesso ao inconsciente, conforme ele mesmo elucida a partir da sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019). A técnica de análise dos sonhos proposta por Freud passa pela égide da associação livre (Freud, 1913). Não se trata de interpretar o conteúdo onírico a partir de um padrão pré-estabelecido de elementos e significados, ao contrário, a técnica de interpretação do sonho, conforme Freud, leva em consideração o sujeito que sonha, suas peculiaridades e idiossincrasias.

A questão é que para propiciar que conteúdos inconscientes emergjam, quanto menos se pensar antes de falar, melhor será, ou seja, quanto mais espontânea for a fala do analisando maior será a probabilidade de que conteúdos inconscientes sejam notados (Freud, 1912). Dessa maneira, a associação livre visa que tais conteúdos surjam mais livremente, sejam atos falhos, chistes e assim por diante. A partir desses conteúdo será possível proceder com a análise e investigar as motivações e desejos inconscientes que escorregam da fala.

O mesmo ocorre com os sonhos. É requerido pelo analista ao analisando que este fale livremente sobre o seu sonho, sem se preocupar com o sentido de cada imagem, sem categorizar conteúdos oníricos entre importantes ou sem importância. Na verdade o que

se pede é que se fale livremente, ou seja, que se utilize da associação livre para expor os seus sonhos ao analista (Freud, 1900/2019).

Freud considerava que a chave para a interpretação dos sonhos eram os mecanismos de condensação e deslocamento. O primeiro refere-se a uma única imagem representar mais de um elemento. Uma mesma casa no sonho pode ser a casa onde a pessoa viveu quando criança e ao mesmo tempo ser a casa de um renomado escritor. Ou ainda, uma pessoa no sonho pode representar o pai de quem sonha e um esportista famoso. Já o deslocamento caracteriza-se por apresentar um elemento como sem importância, desvalorizado e/ou pouco nítido, porém que se mostra carregado de afeto e até mesmo primordial quando analisado.

Freud considera dois tipos de conteúdos oníricos, a saber: latente e manifesto. Este último refere-se àquilo que é lembrado pelo sujeito que sonha e que se apresenta de maneira mais acessível, enquanto a primeira terminologia consiste dos conteúdos que são alcançados a partir do emprego das técnicas psicanalíticas de interpretação dos sonhos.

Observa-se que o conteúdo onírico latente não se mostra ao sujeito em seu estado primeiro, mas ocorre uma transformação de tal conteúdo em outro, o manifesto. A esta transformação Freud denominou “trabalho do sonho”. Já o trabalho inverso, do conteúdo manifesto ao conteúdo latente, Freud afirma ser a própria análise (Freud, 1900/2019).

Para Freud, conforme citado anteriormente, os sonhos são a realização disfarçada de desejos inconscientes, ou seja, recalçados. E ele chamou os sonhos de a via Régia para o inconsciente tendo em vista, em seu entendimento, se tratar de uma via por meio da qual os conteúdos inconscientes aparecem de maneira “facilitada”, pois a censura é menor enquanto o sujeito está dormindo em comparação com quando ele se encontra em vigília (Freud, 1900/2019).

A análise a que Freud se refere, ou psico-análise ou posteriormente psicanálise é um termo cunhado por ele para definir um trabalho terapêutico que explora o inconsciente. Como infere Celes (2005, p.168): “Pode-se, então, entender que ‘psicanálise’ exprime: tratamento (cuidado, cura) analítico de perturbações anímicas e corporais que se dá a partir, e por meio, da psique (alma, fala)”.

Vale destacar ainda, conforme Roudinesco e Plon (1998), que Freud acrescentou mais um elemento à lógica médica vigente à época, que consiste em considerar as percepções/teorizações trazidas pelos próprios doentes sobre suas enfermidades. Dando-lhes, dessa maneira, crédito sobre a maneira que percebem e se relacionam com seus sintomas, Freud (1900/2019) passou a utilizar tais percepções para a prática clínica. Essa é uma ideia inovadora para a época, pois pouco ou quase nada se dava de crédito para a maneira com que o paciente se relacionava com seus sintomas, ao contrário, toda a interpretação e compreensão sobre os sintomas cabia estritamente aos médicos.

Para Freud existem três tipos de sonhos. O primeiro tipo apresenta-se de maneira coerente e de claro sentido. É possível compreendê-lo e encaixá-lo na vida psíquica de quem o sonhou. O segundo tipo de sonho é também coerente como o primeiro, contudo causa estranheza, pois parece não ter conexão com o contexto de vida psíquica do sujeito, torna-se, portanto, difícil saber o porquê a pessoa haver sonhado com tal conteúdo. E por fim, há o terceiro tipo de sonho, o qual não é nem coerente em seu conteúdo, nem aplica-se ao contexto de vida psíquica do sujeito. É um sonho que causa estranheza total, que não faz sentido e pode carregar um toque de absurdo em seu conteúdo (Freud, 1900/2019).

Vale ressaltar, todavia, que todos esses tipos de sonhos citados anteriormente são para Freud passíveis de serem analisados. Sendo que quanto mais conflitos existam no

conteúdo inconsciente, mais velado tal conteúdo estará e, conseqüentemente, maior será a resistência.

Os sonhos estão relacionados não apenas ao desejo, mas também à dor. Na verdade, Freud na obra *Além do princípio do prazer* (1920), já havia revisado a tese de que todo sonho seria a realização de um desejo recalcado. Havia os então neuróticos de guerra que recorrentemente tinham sonhos relacionados aos traumas vivenciados durante a guerra. Freud se referia às experiências de analisandos que se envolveram na primeira grande guerra. Isso, que hoje se nomeia como situações de estresse pós-traumático, representava situações sonhadas que se estabeleciam como repetição do trauma.

O sonho como repetição da dor de um evento traumático não é auto excludente com a ideia da realização de um desejo. Freud (1920) resolveu isso, não rejeitando essa tese de A interpretação dos sonhos, mas acrescentando o contexto da repetição do trauma, fruto de sua vivência clínica posterior.

Outros expoentes da Psicanálise também se debruçaram sobre a temática dos sonhos e acrescentaram suas contribuições. Bion, por exemplo, sugere que o analista se deixe habitar pelo sonho do analisando, como havendo de fato uma simbiose, ser sonhado pelo sonho do outro, e que isso poderia trazer insights sobre a expressão inconsciente do analisando (Bion, 1970). Além disso, vale destacar, dentre as muitas contribuições desse autor, sua fala sobre a dificuldade ou incapacidade de sonhar que alguns pacientes apresentam.

Bion (1970) elucida que o sonho tem também a função primordial de uma certa higienização mental, a qual contribui para a assimilação de situações vivenciadas pelas pessoas em vigília e que geram certa afetação. Sendo assim, tais conteúdos precisam de alguma destinação e, por vezes, a forma com que a psique consegue lidar com eles é

justamente a partir do sonho. Porém, observa Bion, há alguns casos em que alguns pacientes simplesmente não sonham. E não se refere a simplesmente não se lembrar dos sonhos, mas de fato não conseguir sonhar, perder a capacidade de sonhar.

O referido autor alude para o caso de um paciente que em sua infância percebeu que suas fantasias não eram verdade e que acabou por parar de fantasiar. Tal situação o levou a perder a capacidade de fantasiar e conseqüentemente, conforme observa Bion, a não conseguir pensar devido à incapacidade de simbolizar. Bion diz o seguinte a seu paciente: “Mas aí surgiu a ideia de que o senhor não tivera fantasias na infância, e mencionou que não tinha sonhos; e depois que não sabia o que fazer. Isso deve significar que sem fantasias e sonhos o senhor fica sem meios de pensar o seu problema” (Bion, 1953/1994, p. 36)

O autor faz referência à função essencial do sonho, construída por Freud, de que “O sonho é guardião do sono”. Ele refere que o sono é fundamental para a saúde psíquica. Sobre tal, Bion (1953/1994) explora a ideia de que o paciente incapacitado de sonhar pode experimentar um dia a dia de vigília cheio de ansiedade. Segundo ele, tal fato se deveria ao excesso de conteúdo real, da sensorialidade vivida em estado de vigília e que não pôde ser transformada pela condensação ou pelo deslocamento no sonho e, portanto, transborda na psique por meio de estados de ansiedade. Conclui-se, acerca das observações de Bion, que além da importância do trabalho do sonho, a própria capacidade de sonhar seria fundamental para a saúde psíquica da pessoa. E para além de o sonhar ser importante para a saúde do paciente, também pode corroborar para o contexto de sua análise clínica, porém, se faz necessário que haja uma formação de vínculo entre paciente e analista. Nesse sentido Ferenczi ressalta a necessidade de que a transferência esteja bem estabelecida a fim de que o paciente tenha mais confiança em compartilhar seus sonhos com o analista (Ferenczi, 1933/1990).

Ferenczi acreditava que o analisando também poderia se sentir movido a compartilhar seu sonho com seu analista como uma forma de comunicar algo que não se está conseguindo colocar em palavras de maneira consciente. E assim, o sonho também comporia uma forma de desnudar-se em análise, fazer a mensagem chegar ao analista, por quem se alimenta uma expectativa de que possa esclarecer o que nem mesmo o analisando sabe que deseja transmitir (Ferenczi, 1933/1990).

Outro expoente da Psicanálise e que trouxe várias contribuições à esta área do conhecimento é Lacan, o qual também reconhece os mecanismos dos sonhos citados anteriormente, no entanto, os renomeia para metáfora em substituição a condensação e metonímia em lugar de deslocamento. As nomenclaturas utilizadas por Lacan coadunam com uma de suas principais teorias, a de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. E dessa maneira, deve ser analisado da mesma maneira que se faria em uma análise gramatical (Kovacevic, 2013).

Para Lacan sonhos não deveriam ser interpretados a partir de qualquer intuição, mas deveria ser seguida uma metodologia apropriada. Vale ressaltar, entretanto, que Lacan não defende um código universal para a interpretação dos sonhos, de maneira alguma, ele à semelhança de Freud embasava-se em associações na interpretação dos sonhos. O que ele defende é a aplicação de uma metodologia ao invés de pura intuição/especulação por parte do analista (Kovacevic, 2013).

Outro aspecto abordado por Lacan refere-se à questão sobre o que desperta a pessoa que está sonhando. Por vezes ao sonhar existe um despertar abrupto e aparentemente sem lógica, que rompe com o sonho e traz a pessoa de volta à realidade. Lacan se interessou sobre este ponto, considerou-o curioso e aventou a possibilidade de estar diante de algo relevante. Conforme as observações de Lacan, compreende-se que a imagem que acorda o sonhador é aquela que o leva mais próximo do Real. Sendo que tal

conceito elaborado por Lacan é aquilo que simplesmente é, ou seja, inexprimível, mas que não pode ser negado. Conforme elucidado por Roudinesco e Plon (1998, p.646), o Real é: “...assimilado a um resto impossível de transmitir, e que escapa à matematização”.

Segundo Lacan, a imagem onírica que faz com que a pessoa acorde seria aquela que o leva mais próximo do reino do Real, por meio da qual a pessoa estaria tangenciando a possibilidade de seu desaparecimento enquanto ego (Lacan, 1964 Seminário XI).

Atualmente, segundo Birman (2020), as pessoas perderam parte de sua capacidade de simbolização e do uso da linguagem no que concerne aos sonhos. Estes são hoje muito mais uma apresentação do que uma simbolização. Estão ligados à repetição informativa de uma realidade que convoca o sujeito ao tangível e retira suas possibilidades de fantasmear. Desta maneira, é requerido do analista que corrobore com o analisando no sentido de se tornar mais curioso e inquieto, a fim de fomentar a emersão do simbólico (Birman, 2020).

Segundo Freud (1920/2018), o aparelho psíquico é composto por três instâncias, a saber: Isso, Eu e Supereu (ou Id, Ego e Superego a depender da tradução em português). Aqui serão adotados os termos Id, Eu e Supereu, apenas por uma questão de preferência do autor, considerando ainda que as diferentes traduções apresentadas não acarretam alteração dos respectivos significados e propriedades.

O Id é uma instância completamente inconsciente, cujo conteúdo é herdado e se faz presente desde o nascimento. As pulsões corpóreas, por exemplo. Dele se origina uma outra instância da psique, o Eu. Esse por sua vez caracteriza-se por ser pré-consciente e uma de suas principais funções é a autopreservação. O Eu realiza a mediação entre o que é estímulo externo e pulsões internas. Esta instância administra as tensões produzidas a

partir de estímulos internos ou externos. “A elevação dessas tensões é sentida em geral como desprazer, e sua diminuição, como prazer” (Freud, 1938/2018, p. 120).

Além das duas instâncias explicitadas há também uma terceira, o Supereu, de caráter moral, que se constitui a partir da relação da criança com os pais ou pessoas que exercem a função parental. A criança recebe dos pais, portanto, as regras que regem o meio social em que estão inseridas. Vale salientar, contudo, que quando se diz que tais regras do meio advém dos pais, não se refere a que estes as tenham criado. São tradições, parâmetros relacionais e percepções presentes na sociedade em questão, que são transmitidas por meio dos responsáveis pela criança (Freud, 1938/2018).

Na explicação de Freud acerca do aparelho psíquico se faz notar, para além da estrutura psíquica e suas instâncias, uma de suas considerações sobre a relevância do estado de sono para o equilíbrio das tensões psíquicas. Conforme Freud (1938/2018, p.120):

De quando em quando o Eu desfaz sua conexão com o mundo externo e se recolhe ao estado de sono, modificando amplamente sua organização. Deve-se inferir, a partir do estado de sono, que essa organização consiste numa distribuição especial da energia psíquica.

Uma das características do sonho, talvez até uma vantagem em comparação com a linguagem em vigília, é a diminuição das censuras sobre o inconsciente enquanto a pessoa dorme (Freud, 1938/2018). Conforme (Freud, 1900/2019), a fluidez do sonho se dá também devido a essa diminuição das forças de censura, o que faz com que as expressões oníricas possam ser vivenciadas sem a racionalidade atrelada às leis newtonianas, ou à moral da época. Portanto, os sonhos se caracterizam por uma

linguagem própria e constituem, como Freud (1900/2019) abordou, uma via régia ao inconsciente.

1.3 - O Traumático e os Sonhos na Pandemia

Os sonhos referidos neste trabalho possuem uma característica que os diferencia, pois não se tratam daqueles trabalhados em uma situação de análise corriqueira. Estes sonhos ora estudados são concernentes a situações desafiadoras nas quais os sonhadores se encontram imersos, como é o caso da Pandemia de Covid-19. Trata-se de um evento sobrepujante, que assolou as sociedades da maioria dos países da Terra. E trouxe consigo drásticas mudanças no cotidiano das pessoas, assim como tocou naquele que é um dos medos mais fortes para qualquer ser humano, o da morte, tendo em vista o potencial letal do vírus e o risco de falecimento a que as pessoas contaminadas se expunham. Sendo que diante de tal contexto desafiador que ensejou os sonhos aqui tratados, se faz necessário explicar o que é um trauma à luz da teoria psicanalítica, bem como situar a função dos sonhos nesse cenário pandêmico, pois teve impacto sobre a saúde mental da população (Silva et al, 2024).

O trauma particulariza-se por convocar um intenso volume de excitações, pela impossibilidade de as pessoas conseguirem elaborar o evento e pelas consequências adoecedoras que provoca na psique (Laplanche & Pontalis, 2001). Trata-se, portanto, de um evento agudo para o sujeito, levando-o constantemente a um esgotamento de recursos emocionais e psíquicos de assimilação. Para além do conceito, com o propósito de esclarecer como esta temática é concebida na Psicanálise, será apresentado a seguir o trajeto de maturação deste constructo teórico, conforme desenvolvido por Freud.

O tema do traumático surge sob à ótica psicanalítica primeiramente com os estudos de Freud acerca da histeria. Nesses casos o trauma estaria nas bases dos sintomas histéricos, envolvido na concepção de defesa do Eu em relação ao desprazer, advindo da ruptura entre o afeto e a respectiva representação (Freud, 1893-1894). Sendo que em um segundo momento Freud relaciona o traumático como tendo origem na sexualidade infantil, o qual seria ressignificado posteriormente na puberdade (Freud, 1896). Existe a partir de então um certo espaçamento na teoria psicanalítica quanto ao assunto. Até que a Primeira Guerra Mundial é deflagrada em 1914 e traz o tema de volta ao foco dos estudos de Freud.

Essa grande guerra gerou uma série de consequências e afetou a Psicanálise, pois era recorrente o atendimento de soldados sobreviventes das batalhas, os quais se encontravam traumatizados pelo horror dos combates. Nesse sentido, era necessário um método que abarcasse formas de explicar e tratar o trauma.

Em 1919, ano seguinte ao fim da guerra, Freud escreveu um artigo intitulado “Introdução à Psicanálise das Neuroses de Guerra”. Nesse artigo o autor assinala que neuroses traumáticas podem ocorrer também longe de campos de batalha, como é o caso de pessoas que vivenciam situações de acidente ou contextos de muito perigo (Freud, 1919).

Um ano mais tarde o trauma é retomado em seus estudos a partir do viés econômico da psique. Em seu texto “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920), o conceito é atrelado à pulsão de morte e à compulsão de repetir, os quais serão esclarecido um pouco a frente neste texto. O trauma seria a ruptura das defesas do Eu a partir de excitações sobrepujantes sobre o aparelho psíquico. O traumático se constituiria, portanto, como um excesso de energia sem conexão com uma representatividade, ou seja,

sem simbolização, cujo endereçamento possível de tal carga recairia sobre uma repetição compulsiva (Freud, 1920).

Aqui reside uma conjunção entre as questões que envolvem o trauma e os conteúdos oníricos produzidos. Freud observou que os soldados traumatizados reviviam em sonho, repetidamente, as situações traumáticas e, dessa forma, reforçavam em sua memória os eventos aterrorizantes. O impasse a partir desta observação é que primeiramente acreditava-se que os sonhos seriam a realização de um desejo recalcado, seguindo o princípio do prazer, por meio dos quais se buscaria a realização daquilo que é prazeroso como uma forma de descarregar a tensão psíquica (Freud, 1900/2019). Essa observação levou Freud à revisitar sua teoria sobre o princípio do prazer, bem como o conceito de que os sonhos seriam a realização de um desejo recalcado, pois sonhar repetidamente com eventos traumáticos não geraria no sujeito um efeito de prazer (Freud, 1920).

Diante desse dilema, retoma-se aqui, mais detidamente o conceito de pulsão de morte, o qual conforme elucidam Roudinesco e Plon (1998), consiste na tendência do organismo em retornar ao estado de não matéria. Ou seja, a pulsão de morte seria aquela que leva a psique a um estado de descarga completa da energia psíquica, seria uma pulsão que visa o retorno a um estado inanimado, que só ocorreria completamente com a morte. Sendo que tal conceito está intimamente ligado àquele mencionado anteriormente, o de uma compulsão de repetir. Essa referida repetição, como no caso dos sonhos traumáticos que se reproduzem para os soldados que retornavam da guerra, possuem a função de estimular a angústia. Conforme explicado por Freud:

Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática. Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico,

que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer. (FREUD, 1920, p. 195-196).

Nessa passagem Freud esclarece que a causa dos traumas está relacionada a eventos que acometem o sujeito de maneira abrupta, para os quais não houve uma preparação prévia em sua psique. E nesse sentido a pulsão de morte estimula a repetição dos sonhos, não no sentido de gerar desprazer (ou seja, não contraria a teoria mencionada sobre o princípio do prazer), mas como uma forma da psique lidar com o trauma ao produzir angústia, como será explicitado a seguir.

Em seu texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/2014), Freud considera a situação traumática em relação à angústia e ao desamparo. Sendo que a angústia serve como uma preparação do Eu para o trauma, de maneira retrospectiva. Ao sonhar com conteúdos relacionados a um trauma, o sujeito se angustia e, dessa forma, é como se preparasse sua psique para o encontro com algo perigoso.

Essa repetição do traumático, bem como a geração de angústia seria, portanto, uma forma de o aparelho psíquico lidar com o trauma. Ressalta-se, contudo, que a repetição do trauma por meio dos sonhos se deve também em parte à impossibilidade de recalçamento do conteúdo traumático, uma vez que o mesmo não pôde ser simbolizado.

Diante dessa explicação acerca do traumático, ressalta-se os relatos de sonhos que serão estudados neste trabalho podem carregar em seu âmago a relação com um trauma. Afirma-se isso diante de um contexto como o da Pandemia de Covid-19, o qual para muitas pessoas teve efeitos semelhantes aos experimentados por pessoas em outras situações de muito estresse e perigo, como os de uma guerra, por exemplo.

O modo como situações de avassaladoras podem impactar a vida psíquica e os sonhos, não é algo inédito na psicanálise, o livro *Sonhos no Terceiro Reich* (1968), da jornalista judia, Charlotte Beradt, colocou em destaque o modo como os sonhos são afetados em situações do mundo externo que podem ser vividas como ameaçadoras. A jornalista entrevistou cerca de trezentas pessoas que viviam na Alemanha na década de 1930 e que experimentaram as tensões que antecederam a segunda guerra mundial. Os sonhos revelam as angústias dessas pessoas frente à ascensão nazista e os diversos sentimentos conflitantes como o medo de enfrentar esse poder político e a inquietação de ter de se calar diante do inconcebível, devido às possíveis repressões. O conjunto de sonhos compilados nessa obra trazem à tona um panorama social da Alemanha naquele período (Beradt, 1968/2022).

Ressalta-se aqui mais um ponto importante quanto aos sonhos em contextos em que os sujeitos vivem situações de extremo desamparo, a possibilidade de leitura da conjuntura social a partir das similaridades entre o conteúdo presente em alguns relatos de sonhos.

Um estudo interessante a este respeito foi conduzido por Gordon Lawrence na década de 1980 na Inglaterra. Intitulado de *Matriz do Sonhar Social*, tinha por finalidade propiciar um espaço de geração de conteúdos oníricos que evidenciassem aspectos de caráter social e não individual. Tanto que Lawrence explicita sua intenção de não focar nos indivíduos ou no próprio grupo e sim nos sonhos (Lawrence, 2010).

Os sonhos seriam, na perspectiva da *Matriz do Sonhar Social*, partículas de um continente social e cultural a serem revelados pela conjunção de sonhos de diversos participantes, que por vivenciarem e participarem de tais contextos socioculturais, teriam seus inconscientes, em alguma medida, imbuídos com o conteúdo do mesmo meio. E

assim, portanto, seria possível criar uma espécie de mosaico inteligível a partir de sonhos, os quais seriam fragmentos, de um contexto social maior (Lawrence, 2010).

Nesse sentido este trabalho também busca verificar as semelhanças entre os sonhos no período da Pandemia de Covid-19, os quais serão aglutinados em categorias a partir do conteúdo comum, conforme será melhor explanado no seguinte capítulo. O intento é também perceber algumas nuances do contexto social em que os sonhadores estão inseridos e que se fazem presentes nos relatos dos sonhos. Da mesma forma serão possivelmente identificados alguns elementos comuns em alguns dos relatos, cuja análise será realizada posteriormente.

Capítulo 2 – Metodologia

As bases da pesquisa em Psicanálise se amparam na experiência clínica e, a partir de relatos de caso, pavimentam o caminho de toda sua formulação teórica (Lowenkron, 2004). Segundo Rudelic-Fernandez (2002), os relatos de caso explicitam a palavra em sua plenitude, “na qual trabalha o inconsciente e na qual o sujeito é posto em relação com a linguagem do desejo, capaz de suportar a falta, a incompletude, em detrimento da tentação imaginária da identidade e da finitude do sentido” (p. 66). Dentre os relatos utilizados por Freud, relatos de sonhos, inclusive os seus próprios, são constantes objetos de análise, como por exemplo, O Sonho da Injeção de Irma (Freud, 1900).

Os sonhos têm sido objeto de pesquisa em Psicanálise desde a sua fundação, sendo inclusive a primeira obra de Freud intitulada de A Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900). Desde então vários autores pós freudianos de renome também tomaram o conteúdo onírico como foco de suas investigações, constantemente amparados ainda em relatos de casos e estudos de casos (Bion, 1970; Lacan, 1973; Kaës, 2003).

Atualmente continuam a ser realizadas pesquisas sobre sonhos, com base teórica psicanalítica, em diferentes países, inclusive no período da Pandemia de COVID-19. Este é um capítulo recente da história contemporânea que fomentou psicólogos e psicanalistas pesquisadores a buscarem formas de compreender o sofrimento das pessoas nesse período. E os sonhos foram uma das formas encontradas para buscar esclarecer os impactos desta pandemia sobre o inconsciente dos sujeitos ao redor do globo (Parrello & Sommantico, 2022). Dentre tais pesquisas, os métodos aplicados variam.

Algumas pesquisas são de natureza qualitativa, buscando compreender aspectos subjetivos dos sonhos a partir de cada sujeito, enquanto outras são de natureza quantitativa e visam coletar e organizar os sonhos de forma a esclarecer numericamente os principais tópicos sonhados durante o período pandêmico. Ou ainda, versam sobre a relação entre tipos de sonhos e transtornos como o de ansiedade, entre outros (Parrello & Sommantico, 2022). Para elucidar a diversidade de possibilidades metodológicas para o tema serão exemplificadas, a seguir, algumas dessas pesquisas qualitativas e seus respectivos métodos, tendo em vista que a presente pesquisa também é de natureza qualitativa. E em seguida são explanadas as decisões deste pesquisador sobre as escolhas metodológicas aplicadas a este trabalho.

Marogna et al (2021), realizaram um estudo intitulado “Dreaming during COVID-19: the effects of a world trauma”, cuja metodologia consistiu em coletar sonhos por meio de mensagens de áudio, transcrevê-las e analisá-las a partir de uma base teórica Bioniana. Devido ao contexto metodológico depreendido do artigo, é possível afirmar que a análise dos dados gerados utilizou a Análise de Narrativa para tal e não se amparou em Análise de Conteúdo ou outro método, especialmente por levar em consideração o direcionamento de sentido contido nos relatos e não estritamente o conteúdo gramatical e lexical do texto (Caregnato & Mutti, 2006).

Geller et al (2023), conjunto de pesquisadores de diversas nacionalidades, conduziram a seguinte pesquisa, publicada em uma revista suíça: *Dreams Shared on Social Networks during the COVID-19 Pandemic: A Tower of Babel or Noah's Ark?—A Group-Analytic Perspective*. Para este estudo também qualitativo, coletaram sonhos compartilhados nas redes sociais durante a pandemia e os organizaram em categorias e subcategorias a partir de temas recorrentes nesses sonhos. Após a categorização, procedeu-se com a análise dos sonhos, a partir de uma Análise de Grupo, técnica que segundo os autores consiste em que cada membro do grupo de pesquisa analise os relatos de sonhos e compartilhe suas impressões em debates e discussões para então trazerem as conclusões do grupo (Geller et al, 2023).

Giovanardi et al (2022), pesquisadores da Universidade de Roma, em associação com a American Psychological Association (APA), publicaram o artigo *Lockdown Dreams: Dream Content and Emotions During the COVID-19 Pandemic in an Italian Sample*. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, contudo, ater-se-á neste trabalho aos aspectos qualitativos dessa pesquisa, com o propósito de trazer ao leitor mais exemplos de métodos utilizados para analisar sonhos durante o período da pandemia.

Após apresentadas algumas possibilidades metodológicas aplicadas a pesquisas que versam sobre a temática dos sonhos durante o período da Pandemia de COVID-19, evidencia-se tanto algumas características comuns nesses trabalhos, quanto aspectos específicos, deixando clara a diversidade de caminhos metodológicos tanto para geração de dados, quanto para a respectiva análise. Assim sendo, optou-se para este trabalho, utilizar-se de pesquisa de natureza qualitativa exploratória.

No que tange à análise de dados, foi escolhida a Análise de Narrativa, mais especificamente a Teoria Estrutural da Narrativa (Barthes, 1972), adaptada por Queiroz e

Dunker (2024) à leitura de relatos de sonhos, devido às aproximações epistêmico-metodológicas que essa teoria possui para com a teoria dos sonhos de Freud (Queiroz & Dunker, 2024). Sendo que tal forma de análise será explanada no decorrer deste capítulo de metodologia, bem como será apresentado a seguir, o problema de pesquisa que fomentou a realização da mesma.

A presente pesquisa se caracteriza por adotar uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Segundo este tipo de pesquisa, observa-se o fenômeno em seu contexto natural ao invés de isolá-lo (Bauer & Gaskell, 2000). E a interpretação do pesquisador é parte integrante do processo da geração de dados (Denzin & Lincoln, 2006). O investigador parte do ponto de vista dos participantes do estudo para então introduzir sua análise interpretativa, o que origina um resultado sobremodo singular, especialmente tendo em vista que analisar narrativas oníricas requer um olhar menos cartesiano e mais livre (Imbrizi & Domingues, 2021).

Diferentemente de outras formas de pesquisa, nas quais se prima pela isenção, como é o caso de pesquisas quantitativas, neste presente tipo de pesquisa convém o estabelecimento de uma relação íntima entre o pesquisador e seus objetos de estudo. O observador torna-se parte integrante do contexto, adentra tal universo e o experiência, sendo, portanto, influenciado pela conjuntura (Ludke & André, 1999).

A pesquisa qualitativa tende a não ser previamente estabelecida, pois se desenvolve durante a observação da ocorrência dos fenômenos, contudo, isso não significa que não haja uma gama de materiais teóricos que ampare e oriente a geração e análise de dados (Ludke e André, 1999). Assim sendo, aplicam-se direcionamentos que guardam algum nível de flexibilidade ao interligar a teoria, modos de pesquisa e parâmetros de geração de dados (Denzin & Lincoln, 2006).

Em um primeiro momento o plano era o de entrevistar psicanalistas acerca das sessões realizadas com pessoas durante o período de pandemia. E mais precisamente, investigar suas percepções sobre os sonhos trazidos pelos pacientes. Percebeu-se, todavia, que devido ao tempo já decorrido desde a pandemia de COVID-19, talvez os profissionais já não dispusessem de memórias detalhadas sobre os sonhos de seus pacientes. Até mesmo os próprios pacientes se fossem perguntados, talvez não se lembrassem precisamente dos sonhos.

Diante disso, concluiu-se que a melhor maneira de realizar tal pesquisa seria a de acessar um banco de dados de sonhos, registrados à época, para ter contato com os sonhos em sua forma mais original.

2.1 - Procedimentos

O presente trabalho teve como fonte de dados um material previamente coletado por outros pesquisadores e psicanalistas brasileiros, nomeado de Inventário dos Sonhos e localizado digitalmente no site Museu da Pessoa (Costa et al., 2022). Esse projeto ampara-se no constructo freudiano de que o material onírico consiste em uma via privilegiada de acesso ao inconsciente e reuniu em um único local mais de mil narrativas de sonhos do período pandêmico da COVID-19 no Brasil (Baldo, 2024).

Os relatos foram inseridos espontaneamente por usuários do site Museu da Pessoa/Inventário de Sonhos, por meio do preenchimento de um formulário virtual em branco, no qual o sonhador incluía seu relato de forma livre. Segundo os pesquisadores o objetivo foi “recolher sonhos de maneira anônima, perguntando apenas alguns dados demográficos, gênero e possíveis associações entre o sonho e o contexto em que estamos” (Costa et al, 2022, p.2).

No presente trabalho os relatos de sonhos foram extraídos diretamente do site Museu da Pessoa/Inventário de Sonhos, escolhidos de maneira aleatória. Foram, portanto, copiados para um arquivo de Word, no qual foram reunidos vinte relatos. E, posteriormente separados em categorias, conforme será detalhado mais à frente.

Na presente pesquisa, foram considerados os relatos de sonhos em seu estado original conforme coletados. Não foram utilizadas as associações realizadas pelos sonhadores nem as interpretações realizadas pelos pesquisadores em trabalhos posteriores. E à semelhança do que fizeram os pesquisadores citados anteriormente, não foram corrigidos nem mesmo os erros ortográficos ou de formatação (Dunker et al, 2021; Baldo, 2024), pois a finalidade foi de preservar os relatos de sonhos em seu estado original. Nesse sentido, o pesquisador buscou trabalhar com o material em sua forma mais bruta, criando dessa maneira a sua própria relação com os relatos, a fim de gerar dados originais a partir da sua interpretação, conforme sugerem os autores Ludke e André (1999).

Conforme explicitado anteriormente, os dados foram obtidos a partir de um banco de sonhos criado por outros pesquisadores e/ou psicanalistas durante o período pandêmico. Este pesquisador teve acesso ao material original e ainda que os relatos já estivessem escritos e, portanto, não houvesse necessidade de transcrição de áudio para texto como ocorre após entrevistas, optou-se por transcrever de texto para texto os relatos em documento próprio.

A intenção de transcrever o material foi justamente permitir a este pesquisador um primeiro contato com os relatos de sonhos, manuseá-los, separá-los, sempre mantendo-os com as exatas palavras utilizadas por seus autores, a saber, as pessoas que sonharam. Considerando que o banco de dados utilizado possui mais de mil relatos de sonhos, foram extraídos vinte desses relatos, escolhidos de maneira aleatória.

Os relatos de sonhos foram então lidos de forma a identificar o teor de cada um, as temáticas mais proeminentes em cada narrativa. Em seguida, foram geradas categorias que abarcassem em sua denominação, relatos de sonhos de teor semelhante. Dividir em categorias se faz necessário, contudo a padronização dos dados deve manter certa maleabilidade com o fim de que as nuances não lineares dos discursos se mantenham perceptíveis (Demo, 2012).

Essa divisão, em consonância com os objetivos específicos deste trabalho, resultou em quatro categorias finais, cujos sonhos foram agrupados considerando suas semelhanças, diferenças e complementariedades. As quatro categorias resultantes foram as seguintes: Desamparo (contendo 6 sonhos); Insegurança (contendo 4 sonhos); Preocupação com outros/empatia (contendo 6 sonhos); Medo de Contaminação (contendo 4 sonhos).

Cada uma das categorias com seus respectivos sonhos foram analisadas à luz da teoria psicanalítica a fim de buscar esclarecimentos para os principais temas sonhados durante o período pandêmico no Brasil. E com o propósito de aprofundar a análise, foram identificados elementos específicos transversais a todas as categorias e que foram percebidos na maioria dos sonhos relatados que compuseram a amostra analisada, a saber: “medo” e “casa”. A esses elementos foi dada atenção especial devido à frequência com que foram percebidos no decorrer da análise dos vinte relatos de sonhos. Sendo que a estratégia de análise de dados e suas bases teóricas serão apresentadas a seguir.

2.2 - Estratégia de análise de dados

Em linhas gerais as pesquisas qualitativas tendem a não apenas reunir uma vasta quantidade de dados, ao contrário, amparam-se em métodos que propiciam a geração de

dados densos e com potencial de serem aprofundados pelo pesquisador em suas análises (Demo, 2012). Nesse sentido, os dados podem começar a ser analisados não apenas ao final de sua geração, mas durante tal processo. Isso implica em dizer que à medida em que o estudioso tem contato com o material em seu estado bruto já se inicia um processo de percepção de nuances, apreensões de conteúdo e até mesmo de lampejos de possíveis trilhas analíticas (Robson, 1993).

As análises do material ocorrem, portanto, durante e após a geração de dados. Tal processo facilita o processo analítico, uma vez que ele não necessita de uma sequência de etapas em que a próxima só é iniciada após a conclusão da anterior. Ao contrário, percebe-se um entrelaçamento entre a percepção do pesquisador e os dados que já compõe um processo analítico primevo (Robson, 1993).

Após esse primeiro passo da análise ocorre um aprofundamento analítico em determinados âmbitos, a partir das perguntas e problemas que o estudo quer investigar e assim, são realizados os refinamentos analíticos das primeiras percepções geradas (Sarantakos, 2005). Esta pesquisa ampara-se nessas premissas de análise, conforme explicações mais detalhadas a seguir.

A técnica empregada para a análise de dados foi a análise de narrativa. Segundo os autores Queiroz e Dunker (2024), o próprio Freud (1900) faz menção ao termo narrativa [Erzählung] ao se referir à elaboração de um relato concernente aos conteúdos oníricos. E tais autores identificam proximidade epistêmico-metodológica entre a teoria dos sonhos de Freud em comparação à Teoria Estrutural da Narrativa de Barthes (1972), conforme citado anteriormente neste trabalho.

A teoria de Barthes postula que uma narrativa seria melhor compreendida a partir de níveis de análise específicos, considerando o objeto de estudo. Sendo assim, Queiroz

e Dunker (2024) sugerem que narrativas de sonhos também sejam interpretadas dessa forma. E para tanto, propõem a análise de relatos de sonhos a partir dos seguintes níveis: “o nível da causa; da função; das ações e da transmissão” (Queiroz & Dunker, 2024, p. 4). A seguir serão explanados cada um dos referidos níveis.

O nível da causa, conforme elucidam os autores, “favorece a produção de modos de leitura que tomam o texto e sua composição relacional interna como objeto privilegiado na busca pelas suas significações” (Queiroz & Dunker, 2024). Consiste, portanto, em ler o relato do sonho de forma atenta a identificar não apenas as relações semânticas do texto em estado bruto, mas na busca por significados contidos na narrativa, e que podem revelar em parte, o próprio sujeito.

O segundo, nível da função, leva em consideração que a aparição das partes integrantes de um sonho não ocorrem ao acaso. Tanto a sequência, quanto a forma de demonstração ou mesmo a ênfase atribuída a cada elemento, possuem uma ordem. Este nível, portanto, requer que o analista do sonho examine tal ordenamento de elementos. Desse modo, acerca dos diferentes instantes lógicos que formam a narrativa de um sonho, é interessante observar tanto a racionalidade que permeia o sequenciamento, quanto cada segmento do relato em particular (Queiroz & Dunker, 2024).

A próxima camada de análise no presente método é o nível estrutural das ações, o qual se refere a perscrutar a relação dos personagens com a construção onírica. Nesse sentido, a finalidade não é de olhar para determinado personagem como se fosse um recíproco de uma pessoa real. Na verdade, aquela representação ocupa um lugar na edificação onírica do sonhador/narrador. Os personagens são parte da manifestação do desejo do escritor e analisá-los estruturalmente é identificar sua posição na narrativa e suas ações, pois tal exercício corrobora em desvelar a relação entre sujeito e objeto subjacentes ao texto (Queiroz & Dunker, 2024).

Por fim, vale destacar a relação entre narratividade e transmissão onírica. Para elucidar essa camada de análise, se faz necessário retornar ao que Freud postula sobre a composição de um sonho. Segundo o autor, a criação de um sonho não ocorre a partir de regras de lógica e semântica como em um texto. Primeiramente são gerados pensamentos oníricos para que, em um segundo momento, sejam transformados em conteúdo onírico. Sendo que tal conteúdo dos sonhos é composto na maior parte de forma pictórica (Freud, 1900). Nessa passagem do pensamento para o sonho já há uma perda, uma deformação (Freud, 1925).

Em um segundo momento, ao recordar o sonho, a pessoa precisa ainda reformular em palavras a complexidade do sonhar. Não é apenas recontar, mas sim reestruturar o conteúdo onírico para o pensamento desperto. Sendo que tal processo se assemelha à construção de uma narrativa, na medida em que molda os conteúdos a uma lógica linguística congruente (Queiroz & Dunker, 2024). Esse nível de análise permite ao examinador do relato, portanto, observar a relação entre o conteúdo e a construção narrativa (Queiroz & Dunker, 2024).

Ressalta-se, por fim, que para além dos níveis de análise apresentados, ainda foram consideradas a dimensão social, cultural e histórica que circunda e permeia os sonhadores. Inclusive a própria língua dos narradores, no caso o português, carrega tais sentidos em sua lógica literal. Sendo que todo esse contexto foi levado em consideração na análise dos relatos dos sonhos neste trabalho.

Capítulo 3 – Resultados e Discussão

3.1 – Categoria I - Desamparo

Conforme abordado anteriormente, dentre os mais de mil relatos de sonhos disponibilizados no Inventário dos Sonhos, foram selecionados vinte relatos a serem analisados nesta pesquisa, classificados em quatro categorias. Foram situados nesta repartição relatos de sonhos que carregam em seu âmago alguma forma de desamparo por parte do sonhador.

Ressalta-se que é possível que apesar de o sonho ser mais adequadamente classificado nesta categoria, pode apresentar características secundárias atinentes às demais. Sendo que o principal foco de análise neste tópico do trabalho são as questões circundantes ao desamparo, mas em determinados momentos podem ser referidas nuances secundárias dos sonhos, relativas a outros significados e elementos. Isso se dá, pois os sonhos não são recortes completamente isoláveis em um quadrante de significado. São fluidos e perpassam diversos temas.

A classificação ocorre com o intento de melhor organizar as informações para os leitores, preservando todavia, a flexibilidade analítica que permita a percepção das particularidades discursivas não lineares de cada sujeito, conforme sugere Demo (2012). Primeiramente, antes de iniciar as análises dos relatos desta categoria, será apresentado o conceito de desamparo segundo a teoria psicanalítica, a fim de situar o leitor sobre tal perspectiva.

O termo desamparo (*Hilflosigkeit*) recebeu lugar de destaque na Psicanálise, pois constituiu-se como uma problemática para Freud e pode ser observado ao longo de vários de seus escritos. Algumas dessas obras são “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927/2006c);

“O mal-estar da civilização” (Freud, 1930/2006d) e “Inibições, sintomas e angústia” (Freud, (1926/2006b).

O desamparo dentro da metapsicologia freudiana aparece nas primeiras experiências de vida do sujeito, no contexto da própria incompletude do organismo que nasce e que precisa desenvolver trocas com o mundo. O fato de o ser humano nascer em total dependência de outros perfaz um estímulo à necessidade de ser amparado. Isso ocorrendo permite ao bebê que se desenvolva com a sensação de proteção e suporte em suas trocas com o ambiente externo.

Todavia, se a ajuda da mãe ou de outra figura parental não chegar, isso pode fomentar no bebê um estado de desamparo e desintegração. Essa sensação de desamparo internalizada nos primeiros anos de vida pode também servir como referência em posteriormente na vida adulta. (Winnicott, 1983/1965). A perspectiva, portanto, que uma pessoa tem do ambiente externo, como no contexto de uma pandemia, também carrega em seu bojo as experiências de toda uma vida, sua ontologia. Assim sendo, o desamparo percebido em um ambiente pandêmico pode ser reforçado pela percepção subjetiva dos sonhadores. A seguir serão iniciadas as análises dos sonhos desta categoria.

Sonhei que toda a minha casa estava sendo transfigurada. alguns cômodos sumiam, outros do nada se montavam. minha casa era toda meia turva, meio líquida, fluída. a sala deixava de ser a sala e virava o banheiro, depois virava o quarto, etc. (sonhadora 56)

Esse primeiro relato explicita um cenário de falta de controle sobre o que seria de mais íntimo e seguro, sua própria casa. Fazendo referência neste sentido ao próprio sujeito, uma vez que sua habitação primeira é seu próprio ser. Havia uma mudança em curso, a configuração dos cômodos se alterava sem que houvesse alguma previsibilidade.

O sonho pode fazer alusão a uma sensação de falta de referências internas para enfrentar o que se coloca como ameaça externa. Não há amparo e proteção, não há outras pessoas, há sim, uma transformação interna em curso, uma readaptação. A sonhadora também faz referência ao estado líquido da casa, que de forma fluida alterava sua forma. Além de mencionar que era turva, fazendo alusão à impossibilidade de ver/compreender o que está acontecendo, uma vez que aquilo que o turvo se refere a algo que não é transparente, é encoberto e difícil de ser discernido. Em sentido figurado pode se referir também a algo que está perturbado ou confuso.

É possível observar essa referência à água nos sonhos desta categoria, sua mutabilidade e a relação com o que está aos poucos se apresentando como caminho ou nova estrutura. Como por exemplo no trecho a seguir:

Eu estava em um barco pequeno, navegando águas congeladas. Eu podia ver o caminho margeado por gelos que haviam degelados há pouco. Parecia a Antártida. Havia alguém comigo, um barqueiro com quem eu falava. Em um determinado momento do caminho, eu avistei uma montanha que me foi advertido ser a montanha mais alta do lugar, aquele lugar que eu não tinha muita certeza se era um lugar desconhecido, um lugar onde eu morava, ou onde eu iria morar. (Sonhador 62)

Este sonho ilustra a água como representante de transformações. Em seu sonho ele estava navegando em águas congeladas, podendo indicar que o caminho deve ser trilhado de forma vagarosa e com cuidado, pois o gelo pode ser um perigo à embarcação. E concomitantemente “o caminho é margeado por gelo que havia degelado há pouco”, em uma possível alusão a conseguir aos poucos compreender por onde ir. Nesse sentido, pode se dizer que são os caminhos internos do sujeito que sonha, sua interpretação da

realidade que se impõe como difícil de ser percorrida como as águas congeladas do sonho, mas que também desperta a possibilidade de novos caminhos.

Quando ele, em seu sonho, avista montanhas e que podem aludir a um local/estado mais seguro do que o atual. Porém no próprio sonho existe a dúvida se ele moraria naquela montanha, se era um local desconhecido ou conhecido. A pandemia é algo desconhecido para a maioria das pessoas e tende a gerar esse esforço intrapsíquico de assimilação da nova realidade que se apresenta, à semelhança do que é ilustrado nesse relato em que há uma passagem de um local em descongelação a uma montanha, local mais seguro.

Essa busca por um caminho ou local seguro se mostra presente em diversos dos sonhos analisados. Os sujeitos demonstram medo do desconhecido, como se algo os pudesse fazer mal a qualquer momento, sobre o que não houvesse controle. Alguns relatos explicitam a figura de um monstro ou pessoa má à espreita.

São recorrentes, na verdade, casa, uma casa antiga, inundada ou em ruína, às vezes é um prédio com elevador horizontal, sim e também diagonal, algumas vezes, quando prédio, há um monstro em algum andar que nunca consigo ver. Quando casa, ela pode estar inundada ou é necessário uma trilha ou um ônibus, que eu dirijo, para alcança-la. (sonhador 64)

O local seguro que se mostra nos sonhos não diz respeito apenas ao desamparo sentido frente a uma realidade conturbada e sem contornos, da qual não se sabe bem o que esperar. A angústia e o desamparo são também reflexos de um estado intrapsíquico desconhecido, no qual as elaborações se mostram ainda insuficientes para acomodar a realidade vivida. Nesse sentido, a atividade onírica tende a se intensificar a fim de criar caminhos psíquicos seguros de assimilação do mundo externo (Bion, 1953/1994). Sendo que uma forma de caminho seguro pode ser representado pela presença, no sonho, de

pessoas queridas que representam segurança, como no caso de parentes ou amigos próximos.

(...)Voltando, eu e meus avós saímos juntos em uma rua, era noite e estava tudo meio escuro. De repente atravessamos a rua, muito próximo a um carro que tinha os faróis acesos - era uma luz muito branca e luminosa. Eu fui atrás deles e quando passei, o carro estava esperando pacientemente que passássemos. Depois descobri que estávamos indo ao banco para tirar dinheiro. Depois disso não me lembro mais. À ocasião, eu estava muito doente e tenho sérias desconfianças fui infectada pelo Covid-19. Depois que acordei, passei o dia com a sensação de que realmente tinha estado com meus avós. (Sonhadora 71)

No sonho supracitado, há uma alternância entre ambientes conhecidos e desconhecidos, entre segurança e insegurança. Isso se faz perceptível quando no relato se fala sobre a noite e o local escuro. Em contraste com os faróis do carro aceso que iluminam o caminho.

À semelhança de um sonho explicitado anteriormente, é possível que o dinheiro também traga conotações de segurança, uma vez que recursos financeiros em um contexto de incertezas, são uma forma de amparo e busca por garantir a subsistência. Percebe-se que de diversas maneiras os sonhos demonstram uma busca por amparo, segurança e evitar perdas, sejam materiais, simbólicas ou mesmo de pessoas.

Em um dos sonhos é possível perceber no relato a busca por evitar perder referências, em um esforço repetitivo da psique no ambiente onírico como no exemplo a seguir:

Eu sonhei que dei descarga no vaso sanitário sem me dar conta de que havia vários pares de sapatilhas de minha filha (31 anos). Uma das sapatilhas não desceu com

a descarga. Ela tinha um salto baixo. Para tentar recuperar os sapatos perdidos, peguei uma foto com a sequência exata das 6 sapatilhas. Procurei na internet para onde iam os esgotos do prédio e queria ir buscar os sapatos. Acordei ao perceber que estava dando descarga novamente. Um looping. (sonhadora 78)

Nesse relato é interessante observar as referências utilizadas pela mente da sonhadora quanto a manter memórias afetivas, as sapatilhas da filha, as quais podem representar uma memória da infância da filha. Nesse contexto, perder as sapatilhas pode representar o medo de que suas filhas sofram algum mal na pandemia, talvez o medo de perde-las ou que fiquem desamparadas e vulneráveis sem os seus sapatos, ou melhor sapatilhas, o que também evoca o sentimento materno de proteção aos filhos pequenos, ainda que nesse caso a filha já tenha trinta e um anos. Diz-se popularmente que para os pais, os filhos nunca crescem (Silva, 2013).

Ademais nota-se que a sonhadora também sonha sobre dar descarga, os esgotos da cidade e, no sonho, há uma repetição (*looping*), como ela própria relata. Nesse sentido, é possível interpretar que os esgotos são aqueles locais aos quais não se tem mais acesso após a descarga e também podem representar o contato com dejetos humanos. São ambientes sujos, desconhecidos, contaminados e de difícil acesso. As sapatilhas irem parar no esgoto, considerando que elas têm relação com as filhas, pode assemelhar-se às meninas contaminarem-se e encontrarem-se desamparadas pela mãe, uma vez que esta não tem como extrair as sapatilhas do esgoto, assim como não teria poder sobre a doença. Isso faz referência, como será analisada em outra categoria mais detidamente, em momento posterior neste trabalho, sobre a preocupação com outros (Freud, 1921/2011).

É possível perceber nos relatos dos sonhos a presença de figuras importantes para aquela pessoa, pois ampara-se em sua própria história (Kallas, 2020). Isso pode trazer uma conotação de busca por suprir um vazio, um estado de desamparo que seria atenuado

no sonho com a presença de pessoas queridas e/ou que tragam algum conforto. Isso em linha com o que Freud (1900/2019) afirma sobre os sonhos serem, em determinados casos, a realização de desejos inconscientes. Alguns desses aspectos podem ser percebidos no relato a seguir:

Estava em um restaurante com meu primo e minha madrinha, o local era bonito e elegante mas por algum motivo tínhamos que sair fugidos e o garçom muito bravo corria atrás de nós. Eu tinha medo mas não entendia porque estávamos passando por isso já que gostamos de restaurante e tínhamos condições de pagar. Depois eu estava em Florianópolis com meus ex colegas de trabalho do Rio Grande do Sul e alguns familiares deles. Íamos a um restaurante que ainda não sabíamos qual. Eu queria ir a um local bonito e tomar um drinks diferente, mas percebia que teria que ir a um local simples e tomar cerveja pois provavelmente alguns dos que estavam comigo não teriam dinheiro para acompanhar. Eu estava incomodada e confusa. (Sonhadora 82)

A cena em questão começa já com a presença de duas pessoas que aparentam alguma proximidade com a sonhadora, seu primo e sua madrinha. Eles têm que fugir de um local muito bonito e elegante e são perseguidos por um garçom bravo. O restaurante bonito e elegante pode representar um estado interior psíquico/emocional de paz e equilíbrio. E fugir de alguém bravo pode ser uma representação da necessidade de fugir do vírus ameaçador e direcionar-se para outro estado interno, não tão agradável. Posteriormente a sonhadora, acompanhada de outras pessoas – essas mais distantes como ex-colegas de trabalho e seus parentes, se dirige a um restaurante mais simples. Curioso perceber que a mudança de ambiente ocorre acompanhada de pessoas com menos proximidade, os quais não são seus próprios parentes ou a madrinha, o que pode caracterizar um estado de menos amparo, como quando se está em locais com

desconhecidos ou colegas com quem não há intimidade ou uma construção de vínculo frágil e pouco estabelecida. São nuances que caracterizam um certo estado de vulnerabilidade.

A diante no sonho, a sonhadora com seus acompanhantes se dirige ao restaurante mais simples para que as pessoas com ela pudessem acompanhar, visto que não teriam dinheiro suficiente para ir a um local melhor. A pessoa que sonha teria condições financeiras, mas opta por permanecer acompanhada ao invés de ir sozinha a um local melhor. Nesse sentido é possível extrair desse recorte do sonho, que a pessoa tem a necessidade de ser acompanhada. E ainda, que seus recursos financeiros pouco podem fornecer de amparo e segurança naquele contexto. Em boa parte dos sonhos há mistura de determinados elementos como recursos materiais, casas, pessoas próximas, caminhos a serem percorridos e a presença de uma incerteza acentuada. Essa composição pode ser contemplada no seguinte relato:

Nesse sonho, que é recorrente, eu estou sempre andando de moto (com alguém na garupa - e essa pessoa não é sempre a mesma), pelas ruas íngremes de uma cidade que já morei no interior. Essa cidade é bem interiorana e bem pequena, cercada de natureza, a maioria das pessoas moram em sítios, e a cidade em si consiste numa espécie de morrinho, sendo que no alto desse morro ficam a Igreja Matriz, alguns mercados, e num ponto mais acima, fica uma réplica do Cristo (igual do Rio de Janeiro) e um cemitério. A cidade é bem simples, cercada de natureza, cachoeiras, etc, e as ruas são MUITO íngremes. A sensação no sonho é de estar com dificuldade para andar na moto, e essa dificuldade me deixa apreensiva. Em algumas vezes, eu caio da moto, ou ela desliza, derrapa, etc, devido à dificuldade das ruas. No entanto, ao mesmo tempo em que estou tensa, também sinto que estou num lugar que me traz muito carinho. Quando morei lá, fiquei na casa de uma tia

""de consideração"", quando saí da casa dos meus pais devido a um atrito. No entanto, essa tia me recebeu durante um tempo - dizendo que eu poderia ficar lá o quanto quisesse - mas depois de um tempo, sugeriu que eu procurasse um lugar definitivo pra morar (e eu achava que era lá). Enfim, esse sonho sempre se repete. Eu não encontro essa tia no sonho, fico só andando ""sem rumo"" pela cidade com essa moto, com muito cuidado para não acelerar demais e a moto virar/cair. (Sonhadora 112)

É interessante observar nesse relato que a pessoa está visitando uma cidade que ela conhece, na qual já havia morado anteriormente. A cena se passa com ela andando de moto por essa cidade, de ruas muito íngremes e ela relata ter dificuldades de andar de moto naquele contexto e afirma ficar muito apreensiva. Ela relata também alguns locais da cidade como a réplica do Cristo, alguns mercados, cachoeiras e o cemitério da cidade. Esses elementos parecem ter algum significado para a pessoa.

Em linhas gerais é possível afirmar que a religião, simbolizada aqui pela figura do Cristo, pode ser fonte de amparo emocional e de esperança. Nesse sentido Freud (1920/2011) aponta que a segurança experimentada a partir de uma religião advém originalmente da desproteção experimentada com a percepção de que o pai não é um ser de poderes absolutos, como se imagina quando criança. E como o adulto se sente desamparado, busca retornar à segurança vivida quando infante, a qual é encontrada na crença religiosa. Deus seria, portanto, o substituto para a imagem superpoderosa do pai (Freud, 1920/2011). Contudo, apesar de visitar a imagem de Cristo no sonho, também se depara com o cemitério da cidade. É possível observar nesse contexto sonial, a oscilação entre proteção da vida e, por outro lado, a sensação de morte eminente. Isso retrata como a sonhadora pode ter experimentado a alternância entre amparo e desamparo.

São elementos muito representativos de um contexto pandêmico que, como pode ser observado nos diversos sonhos analisados até aqui, gera preocupação, medo, desamparo e incertezas quanto à possibilidade de ser acometido por uma doença que tem o potencial de levar a óbito.

Os elementos observados durante a leitura da narrativa dos sonhos em questão, nesta categoria, corroboram com a teoria freudiana sobre os sonhos. Consistem em elementos representativos de questões difíceis de serem assimiladas conscientemente por trazerem algum desprazer ao sujeito que sonha. Como pode ser observado sobre a psicodinâmica na segunda tópica de Freud (1920), alguns conteúdos psíquicos podem trazer sofrimento, ansiedade ou tensão ao sujeito e, por isso, podem ser recalcados a fim de evitar o desprazer. Esse conteúdo pode retornar à consciência a fim de propiciar uma descarga da tensão psíquica e isso pode ocorrer por algumas vias, dentre as quais os sonhos (Freud, 1900/2019).

À semelhança do que foi observado na narrativa dos sonhos ora analisados, os conteúdos oníricos se apresentam de maneira figurativa, na qual os significados ficam encobertos e são interpretados como foi realizado até então. Dentre os relatos de sonhos analisados, destacam-se alguns elementos presentes em diversos relatos, a saber: caminho e casa. Além da presença, nos sonhos, de pessoas que tenham alguma proximidade com o sujeito que sonha e, portanto, trazem alguma sensação de amparo. Estes elementos serão ainda referidos na conclusão do trabalho.

3.2 – Categoria II – Insegurança

O período pandêmico gerou um certo estado de insegurança na população. Dentre alguns dos fatores que tornaram o ambiente inseguro, residem a falta de coesão entre o

discurso político e a negação de afirmações científicas. Conforme explicitado por Birman (2020, p. 101):

As duas posturas políticas assumidas pelos diferentes governantes brasileiros no enfrentamento da pandemia – conduta medicamente nefasta – promoveu efetivamente a dupla mensagem das autoridades no campo psíquico da população, pelas incidências identificatórias múltiplas que foram produzidas no sujeito de maneira inexorável. Refiro-me à oposição que foi estabelecida entre o discurso do presidente da República e o discurso de governadores e prefeitos, no que concerne ao que se chamou de “isolamento social horizontal” e “isolamento social vertical”, conjugado com o negacionismo do discurso da ciência e com o seu reconhecimento, respectivamente.

A falta de coesão nos discursos políticos intensificou, como abordado pelo autor, a insegurança da população. Ora, se as pessoas não se sentem amparadas por seus governantes, os quais ditam as medidas de saúde a serem adotadas no caso de uma pandemia, a quem poderiam recorrer? A sociedade ficou à deriva em certa medida.

Outro aspecto a ser considerado como gerador de insegurança encontra-se o período em que não havia vacinação. Conforme elucidado também por Birman (2020, p. 86): “a insegurança psíquica dos sujeitos e das comunidades sociais é intensificada por esse contexto imunológico indefinido, e que aguarda uma possível segurança psíquica e social a ser adquirida com a produção das futuras vacinas”. Ressalta-se que a vulnerabilidade ao vírus trouxe, como afirma o autor, um contexto de insegurança. Contudo, observou-se posteriormente, que mesmo quando foram fabricadas vacinas, houve ceticismo quanto à sua eficácia, o qual foi acentuado novamente devido a um discurso político antagônico ao científico. Diante, portanto, desse contexto, a população

ficou mais exposta às consequências da Pandemia, não apenas no sentido imunológico, mas também psíquico.

A pandemia de Covid-19 gerou impactos emocionais e psicológicos (Silva et al, 2024), os quais podem apresentar contornos traumáticos para algumas pessoas. Conforme elucidado por Freud (1920/1955) o trauma ocorreria a partir de excesso de estímulos advindos da realidade sobre o sujeito e teria o poder de romper as proteções e defesas da mente. Em outras palavras, o traumático seria aquilo que não é possível de ser assimilado com facilidade pela psique e que gera estresse tanto psicológico quanto emocional.

Nesse sentido a realidade inflige sobre os sujeitos uma quantidade excessiva de estímulos aversivos, difíceis de serem processados emocionalmente. Assim, o contexto da pandemia de Covid-19 gerou em muitas pessoas insegurança, medo e preocupação. Como pode ser observado nos relatos de sonhos desta categoria denominada Insegurança, tendo em vista esta ter sido a tônica identificada nestes relatos de sonhos, conforme serão apresentados e analisados a seguir:

Estava escuro, era noite. Havia muitas pessoas dentro das suas casas, eu podia ouvi-las mas não as via. Eu seguia correndo sozinha no meio da rua. Senti um impacto no meu corpo pelas costas. Algo grande me atropelou, acho que era algo maior que um carro. Passou por cima de mim mas não o vi. Me machucou muito, ralei as pernas e os braços, fiquei deitada no chão sem forças para levantar. Ouvi as pessoas de dentro de uma casa gritando e me perguntando se eu estava bem. Eu não estava. Doía demais e tudo sangrava. Me levantei, continuei andando toda machucada. Senti medo mas não podia parar. Ouvia o barulho do carro novamente, corri. Doía. Mas não parei. Acordei. (Sonhadora 52).

Este sonho traz logo no início a ideia de que estava tudo escuro e que era noite, o que pode indicar aquilo que é desconhecido e que faz com que a pessoa fique mais alerta, tensa e em preparação para o perigo iminente. No caso a sonhadora relata que havia pessoas dentro de uma casa, mas não podia vê-las. Esse contexto denota uma situação de insegurança, falta de controle com o que a circunda e a possibilidade de ser acometida por algo ruim, como na situação em que é atropelada no sonho.

O perigo eminente que traz esse suspense para o sonho se assemelha à realidade no contexto pandêmico, uma vez que é algo que não pode ser controlado e que deixa as pessoas em alerta para as possibilidades de sofrer os danos advindos da contaminação pelo vírus da Covid-19, o qual inclusive pode levar a óbito. O medo, conforme relatado, é um dos sentimentos proeminentes no sonho. Semelhantemente a sensação de perseguição se faz presente em boa parte dos sonhos, como o exemplo a seguir:

Sonhei que visitava o Cristo Redentor e de repente ele desmanchava e caía na minha mão, mas no momento que caía na minha mão ele se tornava menor, bem menor e cabia na palma da minha mão. Eu segurava os pedaços que iam se desfazendo com areia e colocava ele deitado, quebrado e em farelos em um quarto no meio da escadaria que dá acesso ao Cristo. Assim que eu o colocava e saía da sala, começava a ser perseguido por um grupo de pessoas com martelos e pedaços de pau nas mãos que vinham para me bater. Eu ia correndo deles e pulando pelas escadas. Estava cheio de gente, mas era como se ninguém estivesse me vendo e eu só corria e parecia me afastar, mas eles sempre estavam atrás de mim. (Sonhador 85)

Assim como em sonhos pertencentes à categoria anterior, é possível observar neste a presença de elementos da crença cristã. O sonhador expressa sua busca por amparo e segurança ao narrar sua visita ao Cristo Redentor, porém explicita o oposto do que

buscava ao afirmar que a figura representativa de resguardo, se desfaz em um tamanho diminuto. Essa cena contém a ideia de que mesmo os elementos de salvaguarda não têm trazido garantias a esse sujeito. E que o mesmo se encontra vulnerável frente a uma realidade que se apresenta maior, hostil e incontrolável.

Logo que o Cristo se desfaz em suas mãos ele passa a ser perseguido por pessoas cuja intenção é agredi-lo. E semelhantemente à falta de segurança da imagem religiosa, nem mesmo uma grande quantidade de pessoas ao redor é capaz de ajudá-lo, pois nem sequer notavam a sua presença. Nesse sentido, pode-se extrair deste sonho, que a insegurança emocional e psíquica que o sujeito experimenta não pode ser percebida por outras pessoas. É algo íntimo e vivenciado com uma certa dose de solidão. Sendo que tal sensação é acachapante no sentido que o destitui inclusive de sua própria fé, interpretação esta extraída a partir do desfazimento do Cristo em suas mãos. Pode estar presente para este sujeito a sua íntima sensação de vulnerabilidade frente às condições impostas pela pandemia, as quais se revelam em sonho, momento em que as defesas que impedem o desprazer estão atenuadas devido ao estado de dormência (Freud, 1900/2019).

Os relatos de sonho desta categoria também são carregados de imagens de desfazimento, à semelhança do Cristo que se desfaz, em outros há imagens que mudam de forma, cenas com águas em constante mudança e movimento ou até mesmo conceitos abstratos em transformação como segurança em insegurança ou proteção para desproteção. Essa observação será melhor elucidada a partir do relato de sonho a seguir:

Sonho eu D. o barco e o mar Eu e um grupo de amigos estávamos iniciando uma viagem de barco...Começo a observar o mar que já parecia bastante revolto. Sinto uma espécie de intuição e desconfiança. Nesse momento minha amiga D. resolve se jogar no meio daquele mar cheio. Eu fico espantada e desesperada e não entendo porque ela fez isso chamo ela aos gritos. Ela fica assustada com a minha

reação porque para ela não tinha problema. Foi nadando no meio de ondas muito altas mas consegue voltar pro barco. Eu continuo não gostando nada da ideia e resolvo procurar o barqueiro que segundo me disseram estava lá embaixo numa cabine. Quando eu chego no andar de baixo para procurá-lo descubro que haviam mais passageiros lá embaixo. Não achei o barqueiro em nenhuma cabine, subo de novo ao convés e o barqueiro está lá. Ele fala bem perto de mim me dando várias explicações sobre a viagem e a segurança do barco. Não me fio em nada do que fala. Ele tinha a parte branca dos olhos meio vermelha, como aquelas pessoas que bebem demais. Ao final da explicação dele eu pergunto se o barco tinha salva vidas. Eu digo que quero ver e ele me diz que só tem um no barco todo. Resolvo então sair do barco. Sem mais recolho minha mochila e me preparo para desembarcar. Minha amiga D. em silêncio começa a recolher as coisas dela e a fazer o mesmo que eu (o que não é muito próprio da D. que normalmente argumentaria pra eu ficar e diria que tudo bem, e que não tinha nenhum problema ...teimosa que é tentaria de tudo para me persuadir a ficar) o que me deixa bastante surpresa. Ela não contesta nada como se também tivesse sido convencida a não partir ao saber da ausência dos salva vidas. (Sonhadora 102).

Este sonho é permeado por diversas situações em uma mesma direção de insegurança. As águas agitadas, nas quais o barco navega, geram preocupação e incertezas à sonhadora. As quais são agravadas pela negligência de uma amiga que pula nas águas sem se importar com a periculosidade. Nesse sentido pode representar um certo aturdimento da sonhadora com pessoas que se mostram displicentes para com o contexto pandêmico, sem se importarem com os riscos de serem acometidos pela doença.

Ademais a pessoa relata que busca ativamente pelo barqueiro, mas só o encontra após muita procura. Porém ao encontrá-lo e ouvir suas explicações sobre a segurança da

embarcação, não se sente apta a confiar em suas palavras. Essa cena pode se referir à dificuldade de a sonhadora encontrar, na vida real, figuras de autoridade que realmente sejam capazes de guiar os demais cidadãos a atravessar a pandemia de maneira segura. O fato de não conseguir acreditar em suas palavras também pode expressar a desconfiança que sente ao ouvir as orientações das autoridades. Essa não é uma sensação isolada e pode ser encontrada em outros relatos.

Houve durante a pandemia essa dualidade entre os discursos político e médico, a qual corroborou para a intensificação do medo da população (Birman, 2020). Não apenas no âmbito governamental, mas o fato é que todos foram pegos desprevenidos, uma vez que a última pandemia havia ocorrido há aproximadamente cem anos antes. E as gerações atuais, apesar de deterem informações históricas, não pareciam conseguir conceber a ideia de um vírus se alastrar tão rapidamente no planeta. E, por isso, até mesmo as autoridades se mostravam incrédulas sobre a capacidade de espraio do vírus, bem como sobre sua letalidade. Ver os líderes sem trazer discursos críveis e pacificadores assemelha-se à conversa, no sonho, que a pessoa tem com o barqueiro, não é confortável e a impele a tomar suas próprias medidas de segurança.

A sonhadora relata estranhamento com a atitude da amiga, que outrora seria contestadora, mas que no sonho se mostra resignada para com os argumentos apresentados. Isso também pode, de forma sutil, referir-se à pouca previsibilidade inclusive quanto a reação das pessoas. À medida que a pandemia avançou, houve conflitos entre pessoas próximas, entre familiares e amigos. Enquanto alguns se preocupavam radicalmente em se proteger, outros agiam como se fossem inatingíveis pela situação.

Essa circunstância social também está contida nos relatos de sonhos, ainda que a partir de nuances. E neste sentido é importante estar atento aos detalhes, pois cenas que parecem irrelevantes podem conter as principais questões para o sujeito que sonha (Freud,

1900/2019), tendo em vista que esta é justamente uma das funções do sonho, trazer à consciência conteúdos perturbadores, porém de maneira disfarçada. Quando o sonho não consegue mais encobrir a realidade, o sonhador acorda. Como explica Lacan:

Um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando - sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 59).

No relato a seguir é possível identificar mais algumas dessas situações que se mostram no sonho de forma despretensiosa, bem como o findar do sonho em um momento de maior “perigo”:

Primeira parte do sonho: Um "sonho de época". A imagem que me resgatou o sonho, quando acordei, foi a de um subsolo de uma construção muito antiga. Depois me recordei do que vi ali no sonho: - um homem jogando uma espécie de granada, que explodiria na área externa, mas o calor, as explosões e os estilhaços atingiram também o porão. No fim do sonho, o homem, o mesmo que jogou a granada, avisava a todos para correr. Depois me recordei de uma cena que parecia ter vindo antes: Havia uma carruagem, o homem que guiava a carruagem era negro. No entorno da carruagem havia uma multidão de homens gritando. Uma greve de trabalhadores? Alguém proferia uma frase racista, ao mesmo tempo em que parte da multidão pedia para que se mudasse a relação com os negros. Os cavalos que puxavam a carruagem empinaram e parecia que uma bomba explodia no andar de baixo do que parecia ser uma antiga fábrica. Minha posição no sonho é a de observadora. Segunda parte do sonho: Eu e meu companheiro procuramos no mapa uma praia tranquila para ir. Num instante estamos em uma península de águas muito calmas, mas que recordava o mar da Ilha de Maria Guarda, na Bahia de Todos os Santos. Na maré baixa, as águas aparentemente calmas por não terem

ondas, um grande desnível se apresenta ao primeiro passo em direção à água. Minha filha de três anos saía correndo e entrava nesse mar. Ela ainda não sabe me nadar e eu me senti angustiada, não me deslocava no sonho tão rápido quanto ela. Havia um casal pouco interessado na menina entrando sozinha na água. Eu chamava por eles, mas pareciam distraídos. De repente um carro flutuando pareceu engolir a todos, eu resgatei minha filha e alertei ao casal do perigo. (Sonhadora 122)

É interessante analisar o este relato de sonho, no qual a sonhadora faz uma distinção sutil entre a realidade com sua periculosidade e o seu mundo interno. Quando ela fala sobre a uma granada explodindo na área externa, pode-se interpretar que é um perigo avassalador que surge de maneira repentina. E que apesar de ocorrer em um local externo, neste caso referindo-se à realidade circundante – a pandemia, também projeta “estilhaços” sobre o ambiente interno.

Esse local intrínseco ao sujeito é referido no sonho como o porão, o qual pode se tratar do próprio inconsciente da pessoa que sonha. Ainda que haja uma ilusão de controle e de inabalabilidade diante da ameaça do vírus, inconscientemente existe uma captação de fragmentos da realidade que não deixam de impactar o sujeito de alguma maneira. Uma frase coletada neste relato ilustra isso bem: “parecia que uma bomba explodia no andar de baixo” (Sonhadora 122). Isso demonstra a tensão psíquica inconsciente, vivenciada pelo sujeito. É como se existisse a eminência de emersão de conteúdos recalçados de maneira abrupta e potencialmente agressiva à psique do sujeito, à semelhança de uma bomba que explode no subterrâneo e traz à superfície os conteúdos outrora escondidos.

Observa-se que no relato do sonho, que a primeira parte a ser narrada ocorre em torno de uma circunstância tensa e ameaçadora, na qual a sonhadora se posiciona apenas

como observadora. Isso pode ser interpretado como uma forma de defesa do ego em não se implicar no contexto, como uma forma de fantasiar que o perigo não chegaria ao sujeito. Essa, inclusive, é uma das formas que algumas pessoas reagiram diante da realidade da Covid-19. Viviam suas vidas normalmente, algumas até mesmo se recusando a adotar medidas de segurança como o uso de máscaras e o distanciamento. Numa reação de negação para com a realidade. Não que seja o caso desta pessoa, contudo, é uma das possíveis reações do ego frente a situações ameaçadoras.

A segunda parte do sonho se inicia com a sonhadora e seu companheiro procurando um local de praia tranquila, o que pode denotar justamente o desejo de paz e busca por segurança. E o local em que, no sonho, eles buscam refúgio lembra a sonhadora da “Ilha de Maria Guarda, na Bahia de Todos os Santos”. Tais palavras utilizadas podem ser interpretadas como uma busca inconsciente por segurança, embasada em crenças religiosas: Maria; Guarda; Todos os Santos. Podem indicar um desejo por paz, segurança e a expectativa de que algo que miraculoso influencie a realidade e os livre do mal.

Posteriormente, ainda nesse mesmo cenário de águas tranquilas, sua filha entra na água sem saber nadar. Isso deixa a sonhadora angustiada, especialmente porque no sonho não consegue se mover rapidamente para salvar sua filha. E as pessoas próximas estão muito distraídas para notar o perigo. Isso na verdade pode se referir a um conflito interno, no qual existe uma pulsão que a impele a agir e proteger os entes queridos, a partir de um estado de alerta que nota a periculosidade circundante. Em contraste a isso há outro movimento interno, no qual há um desejo por entrar em estado de distração, representado pelo casal. E que induz a pessoa a negar a realidade. Por fim, no sonho, aparentemente o desejo de enfrentar a situação e sair do estado de negação se sobressai. Isso pode ser inferido a partir do momento em que a mãe resgata sua filha e avisa o casal distraído sobre o perigo.

Nesta categoria foi possível observar que algumas pessoas manifestaram em seus sonhos o desejo por segurança. Justamente porque havia uma falta interna que as deixava inseguras e preocupadas, dentre outros sentimentos como medo e a dualidade de enfrentar ou não periculosidade da realidade. A segurança manifestava-se no sonho de diversas formas. Foi possível observar em alguns sonhos a busca por segurança em figuras de autoridade, como no caso do barqueiro, que seria um guia que orientaria o caminho a ser seguido. Em outros casos havia referência a símbolos ou figuras religiosas, as quais a depender da crença da pessoa, pode representar essa segurança que falta. E também foi possível observar casos em que a segurança também era manifesta com pessoas próximas que acompanhavam o sonhador durante todo o sonho. Ainda que seja, em alguns sonhos, uma presença sutil, também pode ser interpretado como uma forma de segurança a partir de relações significativas, como uma amiga próxima ou o marido/companheiro.

3.3 – Categoria III – Preocupação com outros/empatia

Dentre os diversos sonhos analisados, uma das principais questões encontradas foi a preocupação com outros/empatia, que se mostrou preponderante nos relatos que compõem a presente categoria. Em momentos de conturbação social é notório o quanto muitas pessoas se mobilizam em prol de outros. Isso é possível de ser observado, por exemplo, quando ocorrem tragédias como enchentes, deslizamentos de terra sobre áreas habitadas, terremotos e assim por diante. E não foi diferente no caso da Pandemia de Covid-19, período este em que várias pessoas somaram esforços para ajudar quem estava em condições de vulnerabilidade. O conteúdo onírico também refletiu, no sonho de algumas pessoas, esse desejo/preocupação para com os semelhantes. E nesse sentido, uma palavra que melhor resume essa disposição em olhar para o próximo é empatia. Segundo o dicionário Michaelis Online (s.d.), os significados encontrados são, dentre outros:

- 1) Habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa; 2) Compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem; 3) Qualquer ato de envolvimento emocional em relação a uma pessoa, a um grupo e a uma cultura. (Michaelis Online, s.d.).

Percebe-se que este vocábulo sintetiza a capacidade de uma pessoa imaginar-se no lugar de outra, ou seja, refere-se à ideia de tentar sentir-se como o outro, de se importar/preocupar com alguém. Esse é um conceito que foi pesquisado inclusive por Freud (1921/2011) em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. O termo em alemão utilizado pelo autor foi *Einfühlung*, cujo significado é justamente “sentir-se dentro do outro por meio de adequadas identificações projetivas e introjetivas” (Zimerman, p.119, 2013). Ressalta-se que o intuito aqui não é aprofundar tal conceito. Todavia, procurou-se abordar tal concepção à luz da Psicanálise, tendo em vista esta ser a teoria basilar para análise dos sonhos neste trabalho. E sob essa égide serão analisados os relatos de sonhos a seguir:

Eu levava meu filho junto com alguns amigos para fazer uma trilha e entrávamos numa bacia d’água, uma cobra branca e fina se enroscava ao pé do meu filho e lhe mordida soltando espinhos. Eu o consolava porém ele sentia muita dor. Chegando ao lugar que nos hospedava um homem tirava os espinhos e meu filho ficava bem. Eu o arrumei para brincar na rua com as demais crianças e ficava na casa, quando meu primo em sua versão criança, gritava na rua para que seu pai fosse vê-lo, fiquei aflita, quando cheguei do lado de fora da casa, meu filho estava nu, e sem entender o que havia acontecido. O peguei no colo e perguntei como ele estava, disse que o menino tinha colocado ele sentado em cima de uma corda como se fosse uma cerca. Eu fiquei ainda mais aflita e chamei a família do adolescente

para conversarmos, a sua mãe e avó disseram que ele sempre fez isso e não se importavam, que era assim mesmo. (Sonhadora 50)

O sonho supracitado ressalta a preocupação da mãe com o filho. Quando no sonho se diz que o menino foi mordido por uma cobra, pode-se referir ao desassossego materno diante de um contexto pandêmico no qual sua criança corre o risco de contaminação e, conseqüentemente, estar sujeito ao adoecimento e a dores variadas.

Em um segundo momento a sonhadora refere-se ao filho estar nu e se machucar, a partir da ação de um adolescente. Pode-se inferir desse contexto que a nudez implica em certa vulnerabilidade por parte da criança. E que é a partir de outrem mais forte, um adolescente, que seu filho é machucado. É possível extrair que há um certo sentimento de impotência por parte da mãe em proteger seu filho de algo que o sobrepuja, podendo ser uma referência à sua preocupação em sua criança contrair o vírus de Covid-19, tendo em vista ser algo sobre o qual se tem pouco controle.

É notório, nesta categoria, a presença de uma preocupação com pessoas a quem o/a sonhador(a) detém alguma vinculação afetiva. Assim como no caso citado acima, o qual se refere ao próprio filho. Há também sonhos que relatam a preocupação com parentes ou amigos um pouco mais distantes, mas que ainda assim, têm laços sentimentais envolvidos, como pode ser observado no relato a seguir:

Eu saía acompanhada pelo bairro da minha infância de carro (num cenário meio apocalíptico) com a missão de entregar máscaras para as pessoas. Quando eu entregava, as pessoas ficavam com uma roupa bonita, e se me recordo bem.. roupas brancas. Nesse sonho eu queria muito entregar para o meu tio e família dele e conseguia cumprir isso. (Sonhadora 135)

Este relato menciona a preocupação da sonhadora com o seu tio e família. Ela visita de carro um bairro de sua infância, porém o local está alterado, com características apocalípticas. É possível interpretar várias nuances a partir desse trecho. Por exemplo, andar de carro em um contexto apocalíptico, pode transmitir a noção de uma certa proteção, propiciada figurativamente pelo carro, contra a morte, simbolizada pelo cenário apocalíptico. Como se a sonhadora se sentisse, de alguma maneira protegida. Ainda assim o cenário do bairro da infância transmutado em algo sombrio pode remeter a algo familiar, porém estranho ao mesmo tempo. Sendo que essa sensação corrobora com o contexto pandêmico em que as pessoas viveram em ambientes conhecidos, porém de uma maneira diferente da habitual. E para além dos locais externos como bairros e cidades, havia um estranhamento também intrapsíquico. Os sujeitos tiveram de adaptar-se a um estado mental no qual não deixavam de ser a mesma pessoa, contudo, havia em si um estranhamento.

Ademais a missão da pessoa se referia a entregar máscaras aos outros. E ao fazê-lo, suas roupas se transformavam para uma aparência agradável e branca. Isso pode simbolizar o desejo de proteger os demais, de resguardar-lhes da contaminação, ou mesmo, de curá-los. Em específico, nesse sonho, a preocupação é simbolizada a partir da lembrança do tio e sua família. Como explanado anteriormente, há uma preocupação especial para com pessoas com quem há algum vínculo afetivo. E isso se apresenta em sonho. Outro exemplo semelhante pode ser observado no seguinte relato:

Sonhei primeiro que minha sobrinha, que mora comigo, estava comendo um bolo inteiro de baunilha que havia Feito naquele dia. E o segundo sonho, também na mesma data, é que perdia meu filho. Não me lembro onde nem como, mas a sensação era a de termos saído, e não encontrá-lo. Sonhadora 58

Nesse trecho a sonhadora menciona sua sobrinha comendo. Sendo que tal ponto pode estar relacionado ao desejo de amparar uma pessoa a quem ama. A sobrinha que mora com a tia, ou seja, possivelmente há uma proximidade relacional nesse caso. E o fato de envolver um ato de alimentação, pode se conectar com o anseio de sustento, de fornecer a quem se quer bem, o necessário para a sobrevivência. Sem contar que o alimento ser um bolo, pode representar aquele carinho/cuidado maternal associado, em muitas famílias, a este alimento. Costuma ser uma comida que remete às avós, tias, à mãe e assim por diante. Este elemento pode envolver uma referência a aconchego, maternidade, proteção e a um ambiente familiar, entre outros. É possível observar em alguns relatos de sonhos que a preocupação com a família também se destaca, juntamente com o desejo materno/paterno de proteger filhos e pessoas sob seus cuidados. Neste sentido, o seguinte relato exemplifica essas características no conteúdo onírico da sonhadora:

Eu estava mais jovem e tinha acabado de dar a luz a uma menininha gorda e linda (tenho 2 meninos de verdade). Via meus dois filhos com aproximadamente 5 e 9 anos (são moços hj). Eu me culpava por não estar conseguindo amamentá-la. Trabalho com isso, oriento mães todos os dias e eu simplesmente não conseguia fazer com que ela fizesse uma boa pega. Meus seios não enchiam porque ela não sugava. Doía, escapava, ela chorava e eu fui me sentindo muito frustrada. As vezes sentia que eu não cuidava dela como deveria. Me perguntava se eu não tinha esquecido de trocá-la, dar banho e eu não conseguia lembrar porque demorei tanto pra por ela no meu seio pela 1ª vez. Não tinha o apoio ou ajuda do meu marido que com o olhar me dizia ""se vira"". Eu queria dar conta de tudo, da bebê que eu amava, dos meus meninos maiores que eu amava, mas simplesmente sentia que não seria capaz. (Sonhadora 76)

Esse relato representa bem a aflição materna em suprir a necessidade dos filhos, de acolhê-los e protegê-los. A sonhadora, que já tem dois filhos de verdade, dá à luz uma menina. Ela se sente culpada por não conseguir amamentá-la, mesmo sendo o seu trabalho orientar mães para que consigam dar de mamar a seus filhos. Isso demonstra alguns sentimentos do sujeito como culpa, insegurança e preocupação com o sustento de quem está vulnerável. É explícito também no relato o sentimento de frustração. Ela afirma que gostaria de dar conta de tudo, mas simplesmente não se sente capaz.

É possível observar nos mais diversos relatos dessa categoria, a presença de uma certa sensação de impotência. Ao mesmo tempo que a pessoa demonstra, por meio dos sonhos, o desejo de ajudar as pessoas a sua volta, especialmente os que ama, há também essa frustração permanente que revela as limitações do sujeito frente ao vírus. Uma sensação de querer e não poder. Talvez por isso que esse desejo se apresente para essa sonhadora em um contexto no qual ela tem conhecimento e capacidade, o da amamentação. Existe um incômodo latente: como uma pessoa que trabalha auxiliando as mães a amamentar seus filhos, não consegue amamentar sua própria filha.

Possivelmente este é o ponto crucial do sonho, o qual é uma forma de o conteúdo recalado retornar à consciência. Essa frustração vivenciada no período pandêmico coaduna o desejo de ajudar, uma confiança pessoal de que conseguiria auxiliar quem precisa, mas na prática não é possível. Para quem é pai ou mãe, assistir um filho necessitando de algo vital e não poder suprir, mesmo “com os seios cheios”, é algo que traduz uma angústia latente e visceral. A pessoa, à semelhança do que ocorre no sonho, começa a se questionar se trocou as fraldas do bebê, por que demorou tanto para colocá-la pra mamar e assim por diante. Evidencia-se neste momento também a presença do sentimento de culpa. Como se houvesse uma falha por parte da mãe e não fosse

simplesmente uma questão circunstancial. Há um conflito entre a lógica e os sentimentos, entre a cobrança pessoal e seu desejo de ajudar.

O sentimento de frustração se mistura ao de desamparo. Isso pode ser percebido quando, no relato do sonho, é explicitado que o marido não se dispõe a auxiliar a sonhadora no cuidado com a bebê. Na sequência do texto ela afirma seu amor tanto pela filha mais nova quanto pelos filhos mais velhos. Diz que gostaria de dar conta de tudo, mas que sente que não seria capaz. Sendo que essas afirmações reforçam a ideia de uma dualidade que, por um lado deseja resolver a situação em favor dos filhos e, por outro lado, não se sente capaz. Isso retrata um pouco da perturbação vivenciada durante a Pandemia de Covid-19. E à semelhança deste relato, pode-se observar outras situações como a que será analisada a seguir:

Neste sonho eu estava juntamente com outras pessoas que não conheço dentro de uma grande caixa, que voava no céu, mas de forma instável, de modo que eu tinha medo da aterrissagem. Passamos perto de prédios, era dia, sentia em mim a ambiguidade de sentir o passeio fantástico mas muito perigoso. Finalmente a grande caixa, cheia de gente, começou a descer e pensei que morreríamos todos, com a queda. Preparei para este momento, pensando em estratégias de tentar pular pra fora dali. Nesta parte senti em mim o desejo pela sobrevivência e também uma indiferença maior em relação aos outros, desconhecidos, pois apenas pensei, no sonho, como sair dali. mas acontece que quando estávamos já próximo ao chão, a caixa, agora menos instável, aterrissou. e então, entramos todos num grande galpão onde encontrei o banquete mais completo que já vi na vida, todas as comidas mais maravilhosas que alguém pode imaginar ali, reunidas, a disposição de todos, que poderiam comer o que quisessem e quanto quisessem. Uma festa deliciosa pros sentidos. (Sonhadora 131)

Neste relato a sonhadora está em uma grande caixa que voa, na qual se encontram diversas outras pessoas desconhecidas. E ela demonstra várias sensações como, por exemplo, uma mistura de excitação com o voo e, ao mesmo tempo, preocupação com o momento da aterrissagem. Pode-se interpretar a caixa como sendo uma circunstância que se impõe a todos, comporta-se de forma imprevisível e instável à semelhança do voo e que gera risco de morte assim como a aterrissagem. Pode-se depreender disso que se refere ao contexto pandêmico. À semelhança do sonho, a Covid-19 foi vivenciada pela maioria das pessoas em cidades, cercada por estranhos, cujo andamento dos acontecimentos seria incerto e gerava risco de morte. É interessante observar então, uma oscilação de sentimentos que permeiam a narrativa da sonhadora, os quais aludem ao desejo de sobrevivência e, concomitantemente, certa indiferença quanto aos demais.

Pode-se perceber em diversos relatos desta categoria essa dicotomia, a qual por vezes é seguida de sentimento de culpa, especialmente quanto à constatação por parte da pessoa que sonha, quanto a priorizar sua sobrevivência em detrimento de outros. Todavia, isso se apresenta geralmente em sonhos nos quais o sonhador não conhece as demais pessoas do sonho ou quando não possui vínculos afetivos com elas.

Posteriormente no relato, já no final, há menção quanto a um banquete, no qual é possível comer de tudo sem restrições. Essa pode ser uma informação interpretada quanto ao desejo de compensar os momentos de privação e restrição vivenciados durante a pandemia. Muitas pessoas atravessaram tal período com diversas privações no que tange a alimentação, medicações, recursos financeiros e assim por diante. Contudo, vale acrescentar, que o sonho apresenta não apenas uma possível realização de compensação das restrições e da escassez quanto a alimentação e recursos, mas também é possível observar o desejo de proximidade com as demais pessoas. Isso pode ser depreendido da

situação em que estão todos na caixa, mas principalmente da reunião em torno do banquete, no qual a tônica do ambiente relatado é de descontração.

Diversas pessoas sofreram com as medidas sanitárias de distanciamento, sendo que o isolamento necessário à não proliferação do vírus, também gerou reflexos emocionais como sentimentos de solidão, abandono, desamparo, saudade de pessoas queridas e assim por diante. A impossibilidade de reunir amigos ou mesmo de estar em meio a mais pessoas, mesmo que desconhecidas, gerou certo desconforto para alguns indivíduos. Especialmente no que tange à limitação de convívio entre as famílias. E isso é perceptível a partir do conteúdo onírico ora analisado. Essas nuances podem ser observadas também no relato a seguir:

Inicialmente estava em um prédio muito alto e transparente na cidade do Rio de Janeiro, como se estivesse realizando algum trabalho ali. Havia divisórias no andar que estava, mas elas eram transparentes. E também havia pessoas conhecidas, mas elas estavam distantes. Esse era um ambiente acolhedor no sonho. Em algum momento, olhei para baixo e na rua havia uma multidão e fiquei me indagando por que aquelas pessoas estavam ali, elas não deveriam estar aglomeradas na rua. Eu fui meio que voando ou me tele transportei para o meio da multidão e percebi que era um grande bloco de carnaval, só que nesse bloco só tinham velhinhos. Eles seguravam uns estandartes e todos usavam uma blusa vermelha felpuda com detalhes dourados nas bordas. Os velhinhos no bloco estavam extremamente felizes, então eu fiquei feliz com eles. (Sonhadora 168)

Pode-se observar nesse relato que a sonhadora se encontra em um edifício transparente. Em muitos casos, elementos relativos a construções como casa ou prédios podem se referir à própria pessoa, no sentido de seu corpo ou psique. A

transparência traz o sentido de uma vulnerabilidade tanto quanto a possibilidade de olhar para dentro de si, no sonho.

Ressalta-se que a sonhadora afirma ainda que havia pessoas conhecidas, mas que elas estariam distantes. Nesse sentido essa informação pode ser interpretada como se as pessoas conhecidas não fossem o foco de preocupação no momento, talvez por haver uma certeza de que estejam seguras no momento. Ou ainda, estejam distantes, devido ao foco do desejo no sonho não se voltar aos entes queridos, mas a preocupações relativas aos desconhecidos mesmo. Tanto que na sequência do sonho a sonhadora faz menção de um aglomerado de pessoas distantes e que ela se aproxima para ver do que se trata. E eram velhinhos em um bloco de carnaval. Pode-se interpretar essa informação como sendo tanto sua preocupação quanto a pessoas de mais idade e a vulnerabilidade delas perante o vírus de Covid-19. Sabe-se que pessoas mais velhas geralmente têm a saúde mais frágil e, portanto, são um grupo de maior risco à letalidade do vírus. Além disso, a reunião dessas pessoas em um contexto de carnaval/festa, pode ser a manifestação desejosa da sonhadora em uma mudança de percepção quanto aos idosos no contexto pandêmico, no sentido de querer vê-los em estado de leveza e comemoração, sem o risco de contraírem a doença. Tal direcionamento perceptivo quanto às pessoas mais vulneráveis, mesmo não sendo próximas à sonhadora, evidencia o desejo de amparo do próximo, de maneira ampla.

Essa preocupação com os outros é, portanto, a tônica dos relatos desta categoria, cujas análises explicitaram a empatia de alguns sujeitos, por meio de seu conteúdo onírico.

3.4 – Categoria IV – Medo de contaminação

Os períodos em que a humanidade já enfrentou alguma pandemia são acompanhados de um certo temor que invade a sociedade. A vida cotidiana sofre impactos, pois se faz necessário resguardar-se a fim de evitar o contágio. Foi assim, por exemplo, durante o Gripe Espanhola ou *Influenza*, pandemia que acometeu quase a totalidade dos países entre 1918-1919 e teria matado entre 50 e 100 milhões de pessoas (Hays, 2005). E não foi diferente nos dias atuais quando surgiu o vírus de Covid-19 e, rapidamente se espalhou por diversos países.

Todavia existe uma diferença, quanto mais controle a humanidade detém, ou acredita ter sobre seu dia a dia, menos as pessoas se preparam emocionalmente para as calamidades (Hays, 2005). E nesse sentido, como atualmente a vida é permeada por aparatos eletrônicos e tecnologia, as quais transmitem a impressão de que está tudo sob controle, é inversamente proporcional a sensação de aturdimento e medo experimentado pelas pessoas. Entretanto, para além do contexto tecnológico que afeta a percepção da realidade, o medo é ainda mais profundo na constituição humana

Segundo a Psicanálise o medo não se refere apenas a um mecanismo de auto preservação do ser humano frente ao perigo. Conforme explanado por Freud (1926/2014) em sua obra *Inibição, Sintoma e Angústia*, o medo advém justamente da angústia de castração. Ela residiria na base da formação da personalidade do indivíduo, precedente à constituição do Eu. Esta seria, portanto, essencial tanto na constituição do sujeito quanto na sua relação com o mundo externo (Freud, 1926/2014).

Tal reação orgânica e psíquica é, portanto, essencial para a sobrevivência humana e também inerente ao sujeito. Percebe-se que em situações de risco iminente como no caso de pandemias, ainda que o vírus não seja propriamente visualizado, as pessoas

entram em estado de alerta devido às informações extraídas do contexto social. E pode ocorrer um aumento da atividade de sonhar para que a mente consiga assimilar os conteúdos aversivos percebidos na realidade (Barrett, 2020). Assim sendo, observou-se nos sonhos que compõem esta categoria, a presença significativa de medo nos relatos apresentados. E mais especificamente, considerando o risco de contágio no período da pandemia, foi possível perceber o direcionamento do medo à possibilidade de contaminação com o vírus Covid-19, conforme pode ser observado nos relatos que seguem:

Tenho sonhado muito desde a quarentena. Todas as noites, tenho inúmeros sonhos. A maioria são sonhos agitados, que me impedem de descansar plenamente. Mas ontem, dia 9 de abril, foi a primeira vez que sonhei com a quarentena de fato, a primeira vez em que o coronavírus invadiu meu sonho. Eu estava chegando ao Dragão do Mar, um centro cultural de Fortaleza, cidade onde morei a maior parte da vida. Lembro de ser início da noite. Tinha bastante gente, como costumava ser quando eu frequentava lá. Os bares e restaurantes já estavam abertos, mas eu fui diretamente ao cinema, que era um dos meus refúgios quando vivia lá. Único cinema com programação alternativa da cidade, filmes fora do circuito mais comercial. Fiquei feliz de saber que minha carteirinha ainda valia e eu poderia entrar de graça. Estava feliz de estar ali, em meio a pessoas e para ver um filme. Sentei numa cadeira mais para trás. De repente, ao perceber como estava cheio de gente, me dei conta de que todos estavam furando a quarentena e que isso era um perigo, ainda mais dentro de uma sala completamente fechada. Então, levantei rapidamente e saí antes de começar a sessão. Lá fora, noto que está ainda mais lotado, como um dia normal, antes da pandemia. Apavorada, pego meu celular para pedir um uber. Tenho apenas 3% de bateria. Minha casa é longe

demais para ir a pé, mas penso que é a única opção: caminhar o mais distante possível das pessoas até chegar em casa. Fico aliviada de não ter pago por um filme que não vi. Acordo. (Sonhadora 101)

É possível perceber no relato acima, que todo o contexto do sonho é permeado pela conjuntura pandêmica vivenciada pela sonhadora. Evidenciam-se alguns pontos relativos aos cuidados para não se contaminar. São eles, por exemplo, a necessidade de evitar aglomerações, não permanecer em lugares fechados e com pouca ventilação na presença de outras pessoas. A ideia de quarentena e isolamento social como medida de se resguardar e assim por diante. Essas e outras medidas que não aparecem no sonho, como uso de álcool gel, importância da utilização de máscaras, necessidade de tomar vacina, foram amplamente disseminadas nos meios de comunicação durante a Pandemia de Covid-19.

O sonho retrata que tais cuidados para evitar a contaminação foram internalizados pela sonhadora. E que há uma noção de vulnerabilidade e risco de contágio, quando se está na presença de outras pessoas. É interessante observar que a pessoa cita que estava em uma cidade que já havia morado a maior parte de sua vida, em Fortaleza. E que visitava um cinema que costumava ser o seu local de refúgio. Porém em seu sonho este local está repleto de pessoas, o que é estranho, pois se trata de um cinema cuja programação é alternativa aos filmes mais comerciais.

Isso pode ser interpretado, portanto, como a sensação de vulnerabilidade e medo que adentram os lugares psíquicos de maior refúgio. Indicando, dessa forma, que não haveria como se proteger do vírus, bem como a presença de certa angústia, ou seja, não seria possível identificar e isolar o objeto do medo. Para poder encontrar um local de proteção, não seria como em outras ocasiões vivenciadas pela pessoa, como escolher

loais de menos circulação de pessoas. Tal sensação demonstra também a impotência de proteger-se diante da pandemia.

Alguns pontos adicionais a serem observados são as referências que a sonhadora faz a formas de recursos pessoais como quando se refere a ter ficado feliz que sua carteirinha estava válida, a alegria de não ter precisado pagar por um filme que não assistiu, ou ainda, o fato de querer chamar um carro de aplicativo e perceber que só possuía três por cento de bateria. Nos três casos é possível interpretar que há uma certa preocupação que permeia o inconsciente dessa pessoa, no que tange à deter os recursos necessários para sua proteção. A carteirinha daria acesso a um local de refúgio, não ter que pagar o filme lhe proporcionaria guardar o dinheiro para uso posterior e a bateria seria condição essencial para poder chamar o transporte e evadir do local de possível contágio.

Ao longo dos relatos de todas as categorias, a questão da conservação dos recursos se mostrou uma preocupação para muitos dos sujeitos. Isso também se relaciona às dificuldades impostas pela pandemia, como por exemplo, a falta de alguns materiais ou alimentos nos mercados. A imposição de quarentena em algumas cidades, fazendo com que a circulação das pessoas fosse limitada. E também a restrição quanto à abertura do comércio em alguns momentos. Esses e outros fatores podem ser observados nos sonhos relatados como preocupações preponderantes quanto aos recursos, quanto às possibilidades que a pessoa disporia para resguardar a si e a outros. A seguir será possível observar, a partir de um dos relatos, esse e outros aspectos desse contexto social:

Eu estava em uma casa junto com muitas pessoas, a maioria alunos e colegas da escola de dança onde eu trabalho. Estávamos tentando lembrar uma coreografia e chegava em um certo ponto da coreografia eu travei, não conseguia mais lembrar e algumas meninas começaram a debochar de mim, deixaram de me respeitar. De repente eu quis comer e fazer uma comida para meu filho, fui pegar a máquina de

fazer a comida e ela estava quebrada, não consegui montá-la, e meu marido também não. Diante dessa situação fiquei impaciente e decidi sair. Decidi ir para um restaurante coreano, quando cheguei no local era muito amplo, ao ar livre, porém lotado de gente, o que me deixou muito surpresa diante da pandemia que estávamos vivendo. Entrei com muita cautela, ressabiada, com meu filho no colo e parei em frente à cozinha. Os funcionários estavam trabalhando, correndo de lá pra cá normalmente, um deles me olhou e disse: "o que você quer?". Eu disse que queria fazer um pedido, ele pediu para aguardar na área externa. Fui pra lá e era um grande jardim com piscina árvores mesas cadeiras e muita gente junta rindo, conversando, daí avistei um pouco ao longe a minha sogra conversando com um professor universitário conhecido, do RJ. Ela estava mantendo distância dele, e ela é naturalmente uma pessoa cuidadosa. Fiquei observando por alguns minutos, não sabia se me aproximava ou não. Foi quando um funcionário do restaurante se aproximou de mim e disse: "aquele homem está infectado. É melhor você não se aproximar". Ele me mostrou um blister de remédios de onde destacou um pequeno comprimido, redondo, me deu e disse: "tome isso, é preventivo, não sabemos mais quem está infectado aqui". Era um comprimido de cloroquina. Tomei e me afastei, sentei numa mesa para comer a minha comida quando chegasse. Assim que sentei chegaram mais 3 amigas, conhecidas minhas, uma de Campinas, colega de trabalho, psiquiatra, uma outra de SP, colega de profissão, psicóloga, e uma outra, aluna minha na escola de dança. Elas se sentaram à mesa para comer juntas comigo e nesse momento eu me desesperei. Elas estavam rindo e descontraídas e eu lhes disse "gente, acho que não é bom ficarmos assim tão perto". A minha colega de Campinas riu, se aproximou para me abraçar, eu me afastei e disse a elas que estava desconfortável com aquela situação e queria me afastar delas. Duas

delas se levantaram contrariadas mas a minha colega de Campinas permaneceu, dessa forma eu levantei sem tocar na comida. Saí andando bastante desesperada, sem saber para onde ir, sem saber se estava infectada ou não, entrei numa sala que parecia mais vazia mas pessoas continuavam passando, entrando e se aproximando de mim. Decidi então ir embora. Com meu filho no colo entrei em um hospital, caminhei por um corredor até chegar em uma das camas, nessa cama estava meu avô M., já idoso, assim como lembro dele, imigrante alemão. Ele olhou para mim e começou a chorar, comecei a chorar também, nós queríamos nos abraçar e não podíamos. Ele chorava muito, olhava para seu bisneto, e dizia: "eu nunca imaginei que isso fosse acontecer". Eu comecei a chorar também, muito, dizendo "eu também não". Nós queríamos nos abraçar e não podíamos. (Sonhadora 154)

Em um primeiro momento a pessoa relata que estava em uma escola de danças onde ela trabalha e que tentava relembrar uma coreografia, mas que não conseguiu e travou. Diante disso outras pessoas começam a zombar dela, deixam de respeitá-la. Esse contexto explicita um certo medo de não saber como proceder, não saber como agir em um contexto que é ao mesmo tempo familiar e desconhecido. No caso, apesar de ser um local conhecido e com pessoas do seu convívio, há um travamento pessoal.

Algo a impede de dar sequência na coreografia, no seu agir ou no seu lidar com as demais pessoas. Pode-se interpretar, sobre este ponto, que a sonhadora expressa a tentativa de assimilação de uma nova forma de se relacionar com as pessoas a sua volta. Possivelmente refere-se a fatores atinentes à pandemia, a qual requereu de todos, novas formas de se relacionar. Quanto a isso, por exemplo, o distanciamento é um dos fatores preponderantes para evitar o contágio. Assim como evitar aglomeração e a utilização de máscaras. Assim sendo, esse travamento, ou dissonância cognitiva experimentada pela

sonhadora, pode se referir justamente ao não cumprimento, no sonho, dessas novas regras sociais.

Do mesmo modo ocorre ao não saber como consertar a máquina de fazer comida. Existe uma inquietação no sentido de prover o filho com alimento e, concomitantemente, um desconforto por não saber o que fazer. Sendo que após essa situação, se dirigem para um restaurante, no qual outras cenas dão continuidade ao sonho.

Tratava-se de um ambiente amplo e ao ar livre, contudo, estava cheio de gente aglomerada. Nesse contexto, a sonhadora encontra pessoas conhecidas e estranha a falta de cautela. Há muito desconforto quanto à proximidade das pessoas devido à preocupação com a contaminação. Esse ponto do sonho retrata as inquietações sociais geradas pela pandemia, nas quais há um desejo de se relacionar e confraternizar com outros, ao passo que não há pacificação emocional quanto a poder aproximar-se de outras pessoas. Há sempre um incômodo latente, conforme explicitado no sonho, sobre a possibilidade de contrair a doença.

Pode-se observar também a dificuldade entre seguir as normas sanitárias e debater o assunto com pessoas que não se importam com o contágio. Esse tipo de situação foi muito comum durante o período da pandemia. Havia uma divisão entre pessoas que estavam preocupadas e cuidando para não se contaminar, todavia, várias outras entraram em estado de negação. Acreditavam que nada aconteceria com elas ou que não havia, de fato, um vírus a ser evitado, o qual poderia ser apenas confabulação midiática para domínio da população ou outros interesses políticos. É interessante observar que essa dinâmica social está contida no sonho e explicita os desconfortos da sonhadora.

Mais à frente no sonho, ocorre o encontro com o avô, o qual está acamado em um hospital nesta cena. O foco da conversa entre ambos é sobre a vontade de abraçarem-se,

de haver troca afetiva, em contrapartida há impossibilidade de o fazê-lo devido ao risco de contaminação. Isso também é um fator que foi muito aflitivo para diversas famílias, as quais não podiam acolher devidamente seus familiares a fim de preservar a todos da proliferação do vírus. É possível extrair dessa cena também, a realização de um desejo por meio do sonho, o qual seria o de poder encontrar com o avô (Freud, 1900/2019). O sonho a seguir também traz alguns elementos semelhantes:

Eu e mamãe (já falecida) íamos pra praia. Cada vez que entramos no mar, escuro e fundo, eu saía com um anzol na perna direita. Foram cinco anzóis. Eu reclamei que não poderia postar msg redes sociais, pois a gente não deveria estar na praia por causa da quarentena. Depois teve um grupo de blogueiros que escreviam separados e resolvemos fazer uma história/empreendimento juntos. O (meu amigo) A. não aceitava se vender lá campanha política. Eu dormia com uma fatia de limão na língua e ela ficava verde. (Sonhadora 113)

Nesse sonho também há presente um parente já falecido, no caso a mãe da sonhadora. A presença de sua mãe no sonho pode indicar tanto que há um desejo latente de reencontrá-la, uma saudade inconsciente, quanto pode refletir a sensação que aquela figura parental traz para a pessoa que sonha. A mãe pode, por exemplo, indicar um ponto de amparo e segurança em meio a um ambiente hostil e misterioso, como o retratado no sonho. O mar escuro e fundo, no qual a pessoa se machuca com anzóis, pode ser interpretado como os ambientes coletivos em tempo de pandemia. Nesse contexto não se pode perceber bem os riscos, a visão é limitada e há risco de se ferir.

Além disso é possível perceber a um antagonismo entre o desejo de estar naquele local, no caso a praia, e a culpa de que não deveria furar a o isolamento da quarentena. Essa dualidade foi algo marcante para várias pessoas durante a pandemia de Covid-19. Ao mesmo tempo em que havia o desejo de levar a vida normalmente, frequentar lugares

agradáveis e reunir-se com outras pessoas, houve um incômodo entre seguir as regras e evitar o risco de contágio contra negar as possíveis consequências e orientar-se pela própria vontade.

Os demais elementos presentes no sonho como o grupo de blogueiros, o amigo e a menção sobre política, também podem ser interpretados como um pêndulo entre o individual e o coletivo. Entre pensar de forma a considerar a coletividade e as normas sociais ou focar em si e em pessoas mais próximas. Já quanto ao limão e sua mudança de cor depois de colocado na boca, pode representar o medo de descobrir que está contaminado, tendo em vista a mudança de coloração. Essa alternância entre o coletivo e o individual, o medo de contaminação de si e dos demais, além de nuances de culpa, podem ser identificados também no relato a seguir:

Sonhei que estava num camping, com colegas de trabalho. Estava no banheiro com uma mulher e estar naquele espaço juntas me causou uma sensação de muita angústia. Quando eu saia do banheiro, um colega me dizia: ""Você matou aquela mulher"" e eu dizia para ele que ""Não eu não matei ela"", mas sentia que não tinha como me defender. Eu não lembro de nenhuma cena de agressão mas o sonho me deixou bastante angustiada. (Sonhadora 115)

Este sonho retrata a pessoa na presença de colegas de trabalho. E ao ir ao banheiro, o divide com outra mulher, a qual morre. É interessante observar o contraste entre o espaço coletivo o individual. No sonho o espaço que deveria ser individualizado é compartilhado com outra pessoa e isso deflagra uma angústia.

A cena desenrola-se com a morte da pessoa com quem a sonhadora compartilhou o banheiro e, mesmo sem nenhuma ação voluntária ela se sente culpada. Sendo que tal contexto pode representar o medo de contaminar e, até mesmo, provocar a morte de

alguém mesmo sem a intenção de o fazê-lo. Esse medo de disseminar o vírus e fazer mal a outras pessoas, além da preocupação de ser responsabilizada por isso, está presente nesse sonho. E também pode ser verificado em vários outros, conforme foram analisados nessa categoria. Percebe-se que a preocupação com a possibilidade de contaminação pode ser direcionada à própria pessoa, a pessoas próximas ou mesmo a desconhecidos.

Por fim, vale ressaltar que diferentemente de relatos de outras categorias, nestes não foram identificados elementos recorrentes em quantidade relevante, que ensejariam uma análise mais detalhada dos mesmos.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho foram revistas as concepções do sonhar a partir de uma perspectiva psicanalítica, especialmente no que tange à teoria freudiana (Freud, 1900/2019). Revisitar a base teórica estabelecida na fundação da Psicanálise foi importante no sentido de estabelecer o constructo teórico desta pesquisa, contudo, também foram trazidos à discussão teórica autores pós-freudianos (Bion, 1970; Lacan, 1973; Kaës, 2003), os quais corroboram para a ampliação e aprofundamento dos estudos psicanalíticos sobre os sonhos. A partir dessa base, foi possível retornar ao período em que a sociedade enfrentou a Pandemia de Covid-19, por meio da análise de relatos de sonhos. As narrativas foram coletadas de forma aleatória do banco de dados Inventário de Sonhos, conforme explicado no decorrer desta pesquisa.

A análise dos relatos demonstrou as dificuldades enfrentadas pelas pessoas ao atravessar o período pandêmico. Fato corroborado com a emergência de conteúdos oníricos que demonstraram contornos traumáticos. Isso pôde ser observado a partir de

uma primeira leitura dos relatos, a qual resultou na separação dos mesmos nas seguintes categorias: desamparo; insegurança; preocupação com outros; medo de contaminação.

Foi possível observar que a temática predominante em cada categoria refere-se a um estado desconfortável, um incômodo perceptível que retrata a dificuldade psíquica em lidar com a realidade daquele contexto. E nesse sentido, os sonhos foram de grande auxílio para que as pessoas pudessem assimilar as inquietações provocadas por aquela conjuntura. Como afirma Barrett (2020) os sonhos são uma forma de a psique lidar com uma série de estímulos aversivos impostos pela realidade, os quais impactam seu equilíbrio. E isso se alinha ao que fora outrora afirmado por Freud (1938/2018) de que o estado de sono é uma forma de adequação da carga energética psíquica. Portanto, o sonhar estabelece-se como uma ferramenta da psique útil para lidar com a iminência de um trauma.

Não se pode afirmar que as pessoas de fato sofreram algum trauma, tendo em vista que elas não foram submetidas a análise clínica. Contudo, a partir de seus relatos foi possível discernir que o conteúdo onírico presente nas narrativas contém nuances de possíveis traumas. Como é o caso, por exemplo, deste trecho de um dos relatos a seguir:

...Algo grande me atropelou, acho que era algo maior que um carro. Passou por cima de mim mas não o vi. Me machucou muito, ralei as pernas e os braços, fiquei deitada no chão sem forças para levantar. Ouvi as pessoas de dentro de uma casa gritando e me perguntando se eu estava bem. Eu não estava. Doía demais e tudo sangrava. Me levantei, continuei andando toda machucada. Senti medo mas não podia parar. Ouvia o barulho do carro novamente, corri. Doía. Mas não parei. Acordei. (Sonhadora 52).

A pessoa se refere a algo maior que um carro que passou por cima dela e a machucou muito. E mesmo com muita dor e sangramentos ela continuava, não parava. São fragmentos oníricos que podem indicar que a pessoa está tentando assimilar algo que a feriu, que deixou marcas. Esses contornos traumáticos puderam ser observados neste relato tomado como exemplo, assim como em várias outras narrativas semelhantes. E nesse sentido, por se fazer presente em relatos distintos, demonstra parte da tensão social experimentada pelas pessoas que vivenciaram a Pandemia de Covid-19 no Brasil. Ademais, observou-se a presença de outros elementos comuns ao longo da análise dos sonhos.

Algumas palavras ganharam destaque nas narrativas devido à recorrência nos mais distintos relatos. O que leva a hipótese de que houve uma vivência semelhante em alguns aspectos, fruto de uma experiência social compartilhada. Dentre os termos mais frequentes destacam-se os seguintes: medo; casa. Dentre os vinte relatos de sonhos analisados, esses termos ou seus sinônimos são identificados respectivamente em 11 e 8 dos relatos. Figurando, portanto, como os termos transversais mais recorrentes dentre os relatos analisados. Cabe ressaltar que tal identificação foi realizada manualmente e não por meio de algum software, pois não havia uma quantidade de relatos que justificasse a necessidade de utilização de algum programa.

A identificação de elementos comuns entre os sonhos pode, conforme elucida Lawrence (2010), fazer referência a um continente social, ou seja, tais fragmentos podem corresponder à extração de uma experiência coletiva. Certamente que cada palavra pode conter significados distintos para os respectivos sujeitos, contudo, a presença transversal desses elementos ao longo dos relatos pode extrapolar o singular.

A presente pesquisa se propôs a identificar possíveis elementos comuns presentes nos relatos de sonhos, conforme os apresentados anteriormente. Todavia, devido às

limitações que uma análise de narrativas contém, não seria possível investigar mais a fundo os significados, sem para tanto, escutar os participantes em uma análise clínica. Sendo assim, para além dos achados desse trabalho, tendo em vista o avanço nas questões aqui tratadas, sugere-se a realização de futuros estudos a partir de pesquisas que considerem a recorrência de elementos encontrados no sonho de pessoas diferentes, porém que também envolvam a escuta clínica.

Referências

- Azambuja, C. C. (2013). Prometeu: a sabedoria pelo trabalho e pela dor. *Archai*, n. 10, jan-jul, p. 19-28.
- Barrett, D. (2020). Dreams about COVID-19 versus normative dreams: Trends by gender. *Dreaming*, 30(3), 216.
- Barthes, R. *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). (2000). *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research*. Sage.
- Beradt, C. (1968/2022). *Sonhos no terceiro Reich*. Fósforo.
- Bion, W. R. (1953). *Notas sobre a teoria da esquizofrenia*. Estudos psicanalíticos revisitados. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- Bion WR (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock.
- Birman, J. (2020). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Editora José Olympio.
- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Editora José Olympio.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The lancet*, 395(10227), 912-920.
- Correia, D., dos SANTOS, A. F., do Amaral Brito, K. P., da Silva Guerra, L. D., Vieira, K. J., & de Souza Rezende, C. L. (2020). Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19: garantia de uma proteção social?. *JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750*, 12, 1-9.
- Costa, A., Mortagua, C., Mamede, D., de Sousa, E., Horst, J., Bregalanti, L., & Endo, P. (2022, 8 de setembro). *Inventário de Sonhos*. Museu da Pessoa. <https://museudapessoa.org/colecao/invent-rio-de-sonhos/>
- Costa, J. S., Barbosa, A. L. N. D. H., & Hecksher, M. (2021). *Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da covid-19* (No. 2684). Texto para Discussão.
- Coutinho, B. (2020). A psicanálise dos sonhos durante a pandemia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(3), 30-37.
- Demo, P. (2012). *Hermenêutica de profundidade, à La Thompson*. Demo, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. São Paulo: Papirus, 35-48.
- Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D., & Gurski, R. (2021). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica Editora.

- Faro, A., Bahiano, M. D. A., Nakano, T. D. C., Reis, C., Silva, B. F. P. D., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 37, e200074.
- Freud, S. (2011). Freud (1920-1923) - Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (Vol. 15). Editora Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos (Edição Bilingue). In *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).
- Freud, S. (2018). *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1920 -1939)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos* (PCL de Souza, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Friedman, Robi. Dream-telling as a request for containment in group therapy – The Royal Road through the Other. In: NERI, Claudio; PINES, Malcolm; FRIEDMAN, Robi. *Dreams and group psychotherapy*. London: Jessica Kingsley, 2002. p. 46-66.
- Geller, S., Friedman, R., Levy, S., Akerman, Y., Van den Brink, G., Romach, G., ... & Goldzweig, G. (2022). The rough road: A single case study of dreamtelling in a group during the COVID-19 pandemic and military conflict. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(12), 7174.
- Geller, S., Van den Brink, G., Akerman, Y., Levy, S., Shazar, T., & Goldzweig, G. (2023). Dreams Shared on Social Networks during the COVID-19 Pandemic: A Tower of Babel or Noah's Ark?—A Group-Analytic Perspective. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(4), 3534.
- Giovanardi, G., Fiorini Bincoletto, A., Baiocco, R., Ferrari, M., Gentile, D., Siri, M., ... & Lingiardi, V. (2022). Lockdown dreams: Dream content and emotions during the COVID-19 pandemic in an italian sample. *Psychoanalytic Psychology*, 39(2), 111.
- Gorgoni, M., Scarpelli, S., Alfonsi, V., Annarumma, L., Cordone, S., Stravolo, S., & De Gennaro, L. (2021). Pandemic dreams: quantitative and qualitative features of the oneiric activity during the lockdown due to COVID-19 in Italy. *Sleep medicine*, 81, 20-32.
- Homero (2011). *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras.
- Imbrizi, J. M., & Domingues, A. R. (2021). Narrativas oníricas e a partilha de experiências (extra) ordinárias. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25, e200805.
- Kallas, M. B. L. (2020). Psicanálise, sonhos e luto na pandemia. *Reverso*, 42(80), 55-62.

- Kovacevic, F. (2013). Dissidence, Intellectuals and Lacanian Psychoanalysis: The Case of Miroslav Krleža's *The Banquet* in Blitva. *Debatte: Journal of Contemporary Central and Eastern Europe*, 21(2-3), 127-141.
- Pontalis, J. B., & Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins.
- Mannoni, M. O divã de Procusto. In: MCDOUGALL, J. (coord.). *O divã de Procusto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- Mariani, R., Gennaro, A., Monaco, S., Di Trani, M., & Salvatore, S. (2021). Narratives of dreams and waking thoughts: Emotional processing in relation to the COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychology*, 12, 745081.
- Marogna, C., Montanari, E., Contiero, S., & Lleshi, K. (2021). Dreaming during COVID-19: The effects of a world trauma. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process, and Outcome*, 24(2).
- Meneses, A. B. de (2000). O sonho e a literatura: mundo grego. *Psicologia USP*, 11(2), 187–209. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000200012>
- Parrello, S., & Sommantico, M. (2022). Dreaming during the COVID-19 pandemic: A systematic research literature review. *International Journal of Psychoanalysis and Education: Subject, Action & Society*, 2(1), 59-84.
- Pereira, A. B. (2020). Da dor ao sonho: sobre a coleção *Oniricopandemia*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(2), 105-121.
- Queiroz, J. P., & Dunker, C. I. L. (2024). Como ler um sonho?: relações epistêmico-metodológicas entre sonho e narrativa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 66, e024003-e024003.
- Reis, A. P. D., Góes, E. F., Pilecco, F. B., Almeida, M. D. C. C. D., Diele-Viegas, L. M., Menezes, G. M. D. S., & Aquino, E. M. (2020). Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: implicações para o controle no Brasil. *Saúde em Debate*, 44(spe4), 324-340.
- Ribeiro, S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. Editora Companhia das Letras.
- Ribeiro, L. A., & Toledo, J. D. K. (2020). A interpretação dos sonhos: da construção teórica à clínica contemporânea. *Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar*, 4(2).
- Robson, Colin. *Real World Research: A resource for social scientists and practioner-researchers*. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- Silva, M. D. S., da Costa, J. E. M., Mauch, A. G. D., de Menezes, A. P., & Brasil, K. T. (2024). Desdobramentos da pandemia nas intervenções em saúde mental: o papel do sus no distrito federal. *Aracê*, 6(2), 2242-2255.
- Silva, S. M. A. (2013). A discursivização sobre a família na mídia—outros modelos, a mesma história. *Repositório Digital de Teses e Dissertações do PPGLin-UESB*, 1, 88-p.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)

Zimerman, D. E. (2013). Vocabulário contemporâneo de psicanálise. Artmed Editora.